

Memórias imaginadas...



...de uma Guerra real

Trabalho interdisciplinar dos alunos do 9º Ano,
no centenário da 1ª Guerra Mundial

Ano letivo de 2014/15



Prefácio

O esforço de cada um e o esforço de todos, a criatividade de cada um e a criatividade de todos, a sensibilidade de cada um e a sensibilidade de todos... foi assim que nasceu este projeto.

Mas que marcas deixará este livro nos alunos que o fizeram? Será que os tornará agentes de uma paz que conhecem e opositores de guerras que estão tão longe e tão perto? Promoverá o seu espírito humanista, mas também humanitário?

Não sabemos...mas gostaríamos que assim fosse.

A passagem do centenário da Primeira Guerra Mundial (1914/1918) ou da Grande Guerra, como também é conhecida, foi o motivo para estas e outras reflexões e, passo a passo, num trabalho que se quis transversal, foi-se erguendo esta obra que, pensamos, dignifica o trabalho de adolescentes do presente que não podem esquecer que jovens como eles, naqueles anos, viveram uma realidade bem mais difícil que a sua. Adultos ambiciosos e irresponsáveis para isso contribuíram, num tempo em que o desenvolvimento tinha atingido o seu auge e que se pensava irreversível...

O resto fica para reflexão do leitor.

Graça Luís

Lisboa, 26 de maio de 2015

A guerra, que aflige com os seus esquadrões o Mundo,
É o tipo perfeito do erro da filosofia.
A guerra, como tudo humano, quer alterar.
Mas a guerra, mais do que tudo, quer alterar e alterar muito
E alterar depressa.
Mas a guerra inflige a morte.
E a morte é o desprezo do Universo por nós.
Tendo por consequência a morte, a guerra prova que é falsa.
Sendo falsa, prova que é falso todo o querer-alterar.
Deixemos o universo exterior e os outros homens onde a Natureza os pôs.

Alberto Caeiro, in "Poemas Inconjuntos"

In Flanders Fields the poppies blow
Between the crosses row on row,
That mark our place; and in the sky
The larks, still bravely singing, fly
Scarce heard amid the guns below.
We are the Dead. Short days ago
We lived, felt dawn, saw sunset glow,
Loved and were loved, and now we lie
In Flanders fields.

John McCrae



26 de Dezembro de 1914

Amigo Diário

Muita coisa mudou desde que escrevi aquele primeiro texto. Já não me considero um jovem entusiasta, ingénuo. Mantenho o entusiasmo em proteger o meu país, mas o país ficou bastante abalado com a invasão dos alemães que praticamente chegaram a Paris. Graças a Deus que os ingleses nos ajudaram.

A guerra chegou a um impasse. Ambos os lados assumiram posições defensivas e começaram a escavar fossos, aos quais chamamos trincheiras. As condições pioram de dia para dia, devido à falta de alimentos e apenas chegam à frente de batalha alimentos de conserva.

Mas, guardei o melhor para o fim . Anteontem e ontem, na véspera e no dia de Natal, ambos os lados confraternizaram. Sim, confraternizaram.

Pensávamos que, pelo Natal, já estava tudo decidido, mas não. E não parece que esteja para breve o final.

Anteontem, ouvimos rumores de que tréguas tinham sido feitas por ambos os lados, começando em Ypres, na Bélgica, mas tínhamos receio de que fosse uma armadilha alemã. Começámos a cantar músicas natalícias e, do outro lado, logo nos começaram a imitar, apenas mudando a letra. Foi um momento especial, mas não ficou por aí. Um soldado alemão veio à terra de ninguém, dizendo, num francês macarrónico , que queriam tréguas. Então, na temida terra de ninguém, houve convívio e até troca de objetos das duas partes. Posso dizer que, para mim, foi uma boa mudança, como uma lufada de ar fresco. Estas tréguas mantiveram-se até ontem; porém, hoje, a tensão recomeçou.

Lisboa, 14 de Janeiro, 1915.

Meu amor,

Por aqui as coisas estão a começar a tomar o rumo certo! Os rapazes e a Maria têm-me ajudado imenso cá em casa desde que partiste, principalmente com o Manelinho, a crescer que nem um doido! Além disso, andam todos a tirar muito boas notas: o Tiago diz que vai ser médico e o Leonardo anda a tentar ajudar o avô lá na fábrica. Por falar nisso, o teu pai tem-nos ajudado muito. Como estávamos com imensa dificuldade em nos alimentarmos a todos, eu falei com um senhor dono de uma fábrica aqui da terra e ele, impressionado com o meu “à vontade” para falar, disse que eu podia ajudar na gestão da sua empresa, ganhando algum dinheiro! Não é fantástico? Além disso, as coisas estão todas a mudar por aqui. Parece que finalmente andam a dar às raparigas o devido valor! Aqui na aldeia, só se vê mulheres e meninos, com tudo muito calmo.

Conta-me como vão as coisas aí por África, porque ouvi dizer que a guerra ia demorar mais algum tempo do que o esperado. Não há dia em que não chore por ti... Fica bem e até breve..., espero eu!

Um grande abraço e muitos beijos,

Maria, Manelinho, Leonardo, Tiago e a tua Luísa.

A Guerra contada na 1ª pessoa

Mais um dia. Eles sucedem-se uns aos outros e sem indícios de que algo venha a melhorar.

Continuo a lutar pelo meu honrado país, o grandioso Império Alemão, com todas as forças que tenho contra aqueles malditos franceses e, na sua grande maioria, ingleses. Estou em solo francês. Na zona do rio Somme, mais propriamente. Ou no que resta dela, melhor dizendo. Não têm sido tempos nada fáceis.

Habito há cerca de um mês num pútrido buraco infestado de ratos, ratazanas e piolhos e onde, em tempos de chuva como os que agora passam, estas condições conseguem ainda piorar, tendo em conta as constantes inundações a que estamos sujeitos. Está também pejado de cadáveres de outros meus compatriotas que acabaram por morrer. Mas, neste local a que chamam frequentemente de trincheiras, o mais provável é mesmo não sobreviver. Caso se consiga escapar ao frio e à humidade que por aqui imperam, logo vêm as doenças provocadas por toda esta imunda bicharada com que partilhamos o espaço. Mas, o pior são mesmo os bombardeamentos e as investidas inimigas, que se encarregam de abater grande parte dos que resistem. Logo, até me posso considerar um sortudo. Pelo menos, por enquanto...

A cerca de 200 metros das nossas trincheiras, estão as dos que tentam impedir o avanço do nosso país. No meio, está a chamada “terra de ninguém”, uma zona igualmente fétida e sórdida, repleta de corpos, arame farpado e crateras causadas pelas explosões.

A batalha parece não ter fim. Cada dia que passa, mais sangue é derramado. O que mais anseio é poder voltar para casa e ver novamente a minha família.

Resta-me esperar, lutar e acreditar. Mas, sobretudo, rezar para que isto acabe...

Vagner Keller, 10 de Março de 1916

19 de Março de 1916

Meu amigo diário,

Já se passaram dois anos desde o início desta mutilação. Sinto que me tornei uma pessoa fria, violenta e insensível...

Hoje faço anos. Infelizmente, não estou em casa. Em condições normais, estaria agora a ser acordado pelos meus dois filhos e pela minha mulher com prendas e com beijos. No entanto, encontro-me sentado, como quem está encostado a uma parede, com uma caneta entre os dedos da minha mão direita, a escrever sobre as minhas lágrimas.

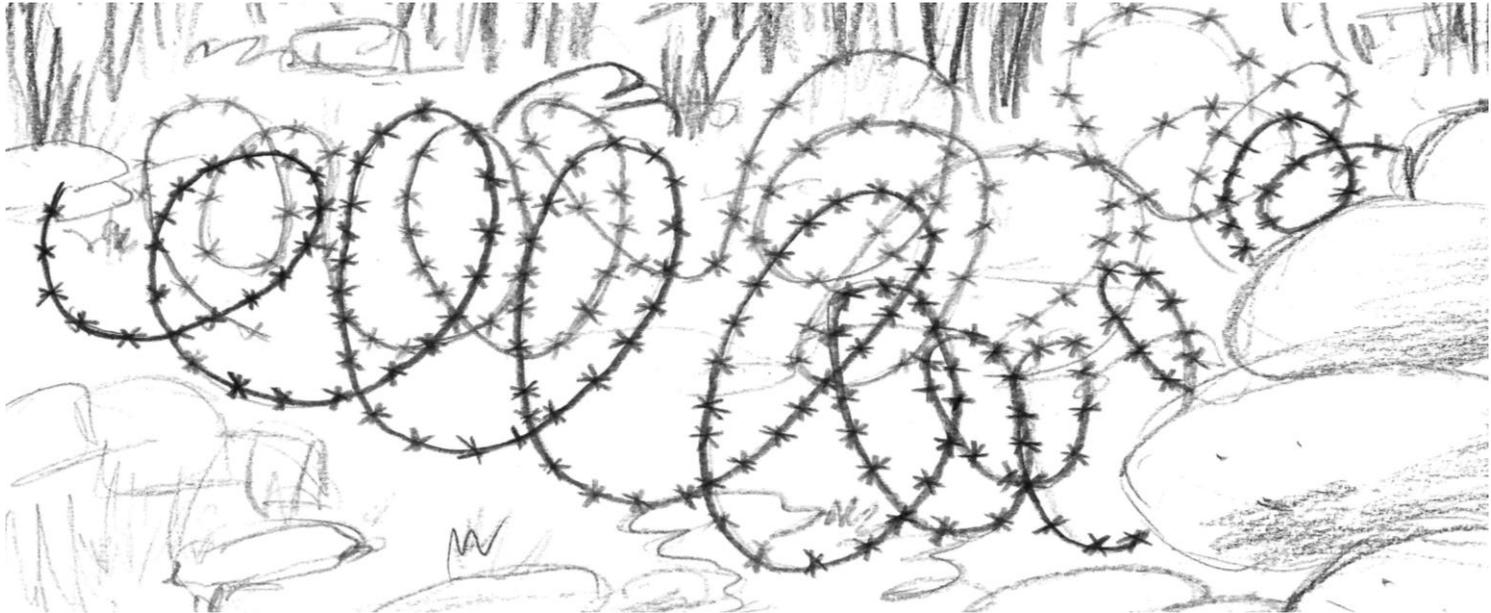
Nestes dois anos, aprendi muitas coisas. Aprendi que temos de confiar nos nossos companheiros de armas, visto que, na guerra, são eles o nosso único apoio. Aprendi também que o ser humano é um animal, ao qual não se pode chamar racional. Porquê? Deves estar tu a pensar. Digo isto, porque um animal racional nunca pensaria em matar alguém, nunca pensaria em odiar alguém e nem sequer pensaria em maltratar alguém... Um animal racional seria aquele que, apesar de todas as rivalidades, nunca teria começado esta guerra.

Há dois anos que não saio desta trincheira. Sinto-me um autêntico primitivo, já que não me posso colocar em pé, senão tenho uma elevada probabilidade de ser atingido.

Tenho sofrido muito. A minha alimentação é muito fraca e as condições de higiene ainda piores. O único motivo de felicidade que encontro é permanecer vivo. Julgo que não conseguirei sobreviver durante muito mais tempo.

Tenho saudades do meu dia-a-dia rotineiro. Acho que, com este sofrimento, aprendi que só damos valor às coisas, materiais e espirituais, quando as sentimos longe, e cada vez mais longe. Sinto que, para podermos dar valor, precisamos de nos sentir sem nada e aprender como é a vida sem esses bens. Tenho saudades das tardes em que fazia passeios em família. Aqueles passeios em que, por vezes, não sentimos qualquer vontade de participar, mas, quando não os temos, sentimos a sua falta.

Bem, amigo, acabo de ouvir o meu nome, devem estar a precisar de mim. Despeço-me assim, com um abraço recheado de tristeza, de saudade e de mágoa. Até amanhã, meu fiel diário.



Domingo, 15 de julho de 1916

Querido Diário,

Depois do grande fracasso da primeira ofensiva feita aos alemães, o comandante Sir Douglas Haig decidiu lançar mais um ataque surpresa na madrugada de ontem. Sem grandes preparações prévias de bombardeamento, conseguimos capturar um grande setor.

Os corpos dos nossos companheiros soldados continuam a deixar um cheiro horrendo por toda a parte nas trincheiras. Para além de atraírem as pragas de ratos e de dificultarem a deslocação, todos nós sentimos uma dor perturbadora de os ver assim sem vida. Penso muitas vezes que um dia poderei acabar como todos aqueles que morreram. Morreram a lutar pelo país, e isso faz deles uns homens corajosos, que serão sempre lembrados.

A comida aqui é cada vez pior e mais escassa e, da próxima vez que escrever à minha família, terei de pedir que me enviem alguns alimentos. Estive agora mesmo a queimar as minhas roupas para ver se me livro dos bichos que se encontram na lama, que nos mordiscam e quase nos comem vivos.

Muitas vezes, enquanto todos esperam por qualquer movimento do outro lado da terra de ninguém, dou conta de estar a pensar em tudo o que passei. O som das metralhadoras e das balas a atingirem o chão mesmo à frente dos meus pés, os arranhões que marcam todo o meu corpo, feitos no arame farpado, as inúmeras perdas de vida de homens que vieram para a guerra, pensando que seria uma coisa curta. Muitos deles, simplesmente avançam sem saber os que os espera do outro lado do grande muro feito com sacos de areia e dos quilómetros de arame farpado.

Espero em breve estar de volta a casa e poder encontrar novamente a minha família. Que esta guerra, que já causou demasiados infelicidade a muitas famílias, amigos e companheiros, termine, e que todo este sofrimento que se apodera do nosso peito, sempre que algo corre mal, esteja perto de acabar.

19 de Agosto de 1916

Queridos pais,

Espero que estejam todos bem em casa. O nosso hospital está em péssimas condições! Cada vez mais aparecem feridos. Já não consigo descansar há mais de um dia, porque estamos sempre com as portas abertas.

Ao longe, ouvimos um som mudo, um bater dos pés interminável e aterrorizante. São eles! Mais oficiais, mais guerra, mais feridos e mais sofrimento. Será que esta guerra vai acabar? Todos precisamos de conselhos e paz!

Nas trincheiras vive-se um ambiente horrível, todos eles são companheiros de armas, que lutam pela vitória final! Será que a vitória será nossa?! Ninguém entende o porquê desta guerra, só vemos sangue, destruição e morte, tanto nas trincheiras como no hospital. Não sabemos mais o que fazer para os ajudar. Também nós temos medo do que vem a seguir, porque não sabemos se será bom ou mau...

Na nossa tenda de emergências já acolhemos cerca de 100 soldados, não temos mais espaço nem condições de ter mais gente aqui connosco. Também os medicamentos para as dores estão a acabar-se. Para operarmos os soldados precisamos de equipamento próprio e de o desinfetar para não se transmitirem doenças. Necessitamos de ajuda, é urgente!

Todos os dias, quando me deito, rezo para que tudo isto termine o mais rapidamente possível, mas a guerra está decidida a ficar por mais algum tempo. Tentamos manter a nossa paz de espírito, contudo, parece impossível.

Quando receberem esta carta espero que a guerra já tenha acabado!

Muitos beijinhos,

Ana Clara



Teresa Duarte

Querido Diário,

7 março, 1916 (Norte de França)

Hoje de manhã, cheguei ao Hospital numa das linhas da retaguarda. Vim com mais duas enfermeiras. Uma chama-se Katherine e é inglesa; e a outra é a Nicole, vinda de França.

Este dia foi para as normais apresentações perante os médicos e ainda a mais alguns enfermeiros.

Agora estou sentada na minha cama, no meu quarto, partilhado com as minhas duas companheiras de serviço.

Amanhã, irei escrever-te para te contar o meu primeiro dia de atividade.

Olá Diário,

8 março, 1916 (Norte de França)

Hoje, foi um dia bastante agitado.

Tive que coser 3 cabeças, engessar 2 braços e desinfetar inúmeras feridas infetadas. No entanto, o meu dia de serviço ainda não acabou, vou estar de serviço com a Nicole e Katherine.

A minha mini pausa acabou, tenho que ir. Espero voltar a escrever-te em breve.

Meu querido confidente,

12 abril, 1916 (Norte de França)

Desculpa por não te ter escrito antes. Têm surgido problemas com o uso de gases tóxicos e, agora, tenho muitos militares a enlouquecer e a ficarem doentes.

Só tenho um soldado que está gravemente ferido sem ser desta maldita invenção. O seu nome é Mike e é inglês, tem olhos castanhos assim como o cabelo e tem 3 costelas partidas e um corte profundo na perna esquerda, devido a uma queda. Mas mantém sempre o espírito aberto com um humor inesgotável, tendo em conta que os militares são bastante sérios e quase nunca mostram o seu lado mais sensível e divertido. Já nos conhecemos há 2 dias.

Lamento por não escrever mais mas tenho que ir descansar enquanto posso.

Querido Diário,

18 maio, 1916 (Norte de França)

Já não te escrevo há algum tempo...

Por aqui, o Mike já está bom e já está a combater, no entanto, cada vez mais há militares doentes, feridos e mortos. Infelizmente, tenho que voltar, hoje foi dia de pouca escrita porque tenho mesmo de ajudar quem precisa de mim.

Amanhã vou tentar escrever-te.

Olá Diário,

23 maio, 1916 (Norte de França)

São 23h e 47 e tenho muitas novidades para te contar.

Hoje, o Mike trouxe-me um amigo seu gaseado. O seu nome é Eduardo Paulo e é português.

Prometi ao Mike que iria cuidar do Eduardo. Ficámos a conversar até que ele foi chamado pelo coronel.

Voltei à enfermaria bastante feliz. Talvez tivesse sido o momento mais agradável que tive naquele triste Hospital.

Infelizmente, tenho que ir.

Querido confidente,

10 junho, 1916 (Norte de França)

Fui infectada por uma doença devido a um militar todo mordiscado por um rato, a 24 de maio. É por isso que nunca mais te escrevi.

Desse dia, só me lembro de ver esse paciente cheio de buracos sangrentos com marcas de dentadas, marcas de patas em forma de arranhões profundos. E dei por mim deitada na minha cama a arder em febre.

Desde aí tenho estado a recuperar. E todos os dias de folga o Mike me vem ver.

Só espero ficar melhor, não gosto de estar deitada sem fazer nada, enquanto outras pessoas precisam da minha ajuda.

Tenho uma visita. Amanhã, contar-te-ei as novidades.

Querido companheiro,

1 julho, 1916 (Norte de França)

Hoje, por volta do meio-dia, poderei recomeçar o meu trabalho. Nem imaginas a felicidade que estou a sentir...

Para recomeçar bem o meu trabalho já me vieram entregar, em mãos, alguns relatórios de feridos, de quem vou tratar e tomar conta.

Bem, vou ler os relatórios. Escreverei assim que puder.

Olá Diário,

2 julho, 1916 (Norte de França)

Infelizmente, trago-te más notícias. O amigo português do Mike, o Eduardo, morreu hoje ao meio-dia. Já estava bastante doente, e nem os médicos sabiam o que fazer...

Não sei como é que vou contar isto ao Mike, amanhã. Ele vai ficar destroçado. Eu ficaria...

Querido Diário,

8 julho, 1916 (Norte de França)

Hoje pedi que me transferissem de volta a Portugal. Já não quero estar mais aqui, o meu trabalho é importante, mas irão substituir-me.

Fora deste edifício, está a decorrer uma guerra mortífera que não vale a pena, muitos militares estão mortos ou feridos gravemente. Nas trincheiras há ratazanas “devoradoras” de cadáveres, torturadoras dos mais frágeis, gases capazes de matar milhares de pessoas, tiroteios intermináveis durante todo o dia. Aqui, todos estão sempre de coração nas mãos, na esperança de não serem mortos a lutar por várias pátrias de uma vez só. Isto é um ambiente miserável.

Eu não quero continuar aqui, não aguento mais tempo.

Só quero ir para casa.

Já avisei todos que me quero ir embora, incluindo o Mike, a Katherine e a Nicole.

Querido confidente,

9 julho,1916 (Norte de França)

Estou com bastantes dúvidas se devo ir ou não. Se ficar, cuidarei de militares, salvarei vidas, mas, por outro lado, penso que estou a começar a enlouquecer com aquilo com que lido todos os dias. Ainda não sei se fiz bem ou mal em pedir para sair daqui, porque isso implica abdicar do meu melhor amigo e de duas grandes amizades que aqui criei. Penso que isto requer uma enorme reflexão, mas já não posso votar atrás no pedido.

15 julho, 1916 (Norte de França)

Hoje, vieram-me informar que não poderei sair assim tão facilmente. Para eu sair a guerra teria que acabar, ou eu teria que acabar o ano com os meus serviços de enfermeira.

Por um lado, até estou feliz

Estou bastante ansiosa para contar a novidade ao Mike, dia 17.

Querido Diário,

14 setembro,1916 (Norte de França)

Vim, hoje, a saber que tenho uma doença, e que os médicos não conseguem descobrir em que se consiste nem como se trata. E isto preocupa-me, tenho febre, dói-me a cabeça, tenho tonturas, tenho vómitos e sinto-me tão fraca que nem me atrevo a levantar da cama; e desta vez não estou na cama do meu quarto, estou numa das camas do Hospital.

Dia 73, 20 de Dezembro 1916

Hoje é o meu septuagésimo terceiro dia nas trincheiras de Moçambique, na campanha do Leste de África. Não acredito que já passei tanto tempo longe das pessoas que conheço; tanto tempo longe da minha pátria. Não conheço ninguém aqui, tenho medo de tudo e de todos; matei poucas pessoas em comparação com os meus colegas de esquadrão. Quando saio, corro o mais que posso. O som da artilharia é ensurdecedor, tento fugir dos outros, mas é difícil quando não se dispara se desnecessário. Realmente, não vale a pena tirar a vida aos alemães.

À noite, choro até dormir. Penso nas pessoas que morreram por minha causa, tento esquecer as suas caras, mas não consigo, ficam na minha consciência. Agora, tenho que viver o resto da minha vida sabendo que sou um assassino. Tenho de questionar-me se o que faço aqui é importante, se estou a fazer o correto, pois agora tenho sangue nas minhas mãos, sangue de pessoas que tinham o mesmo direito à vida que eu. Os meus superiores dizem que quando isto acabar, seremos heróis, mas eu sei o que somos. Nós somos aqueles que venderam a sua humanidade em troca de dois escudos, pobres almas que dentro em breve serão esquecidas.



Maria Serôdio

Pai, mãe, amigos,

França, 17 de fevereiro de 1917

Escrevo-vos porque sinto a vossa falta, tenho saudades das conversas, da paz e da harmonia.

Isto aqui é diferente, é um pesadelo! Fogo interminável ao meu redor. Já escapei da morte, mais que uma vez... Chamam mais reluzentes que a luz do Sol, um ambiente horroroso, cruel e sangrento.

As epidemias e as pestes tomam posse de nós, destroem-nos psicologicamente, arrancam-nos as forças, roubam-nos as nossas capacidades. As minhas energias estão-se a esgotar. Há cadáveres por todo lado. Um verdadeiro terror!

O Sol escureceu, a tão bela luz da Lua nasceu. Mas de que nos serve tal beleza, se há fumo das explosões de granadas no ar? Soldados e combatentes enfrentando a morte? Para quê? Porquê tanto ódio, porquê tanta frieza, tanta melancolia? À noite, nas trincheiras, fico perplexo com tais questões que me moem a alma.

Não entendo. Mais, digo, não suporto a facilidade e ligeireza com que se matam pessoas todos os dias, em todo o lado! Tanta maldade, horror, noites inteiras sem dormir... Não entendo! Não entendo o porquê desta Guerra! A frieza apoderou-se das pessoas. A esta situação chamo "INFERNO"!

Agora tenho de me retirar, vou ver se durmo um pouco – o que até hoje foi impossível, devido à chuva bruta que cai, sem nunca se esgotar.

Voltarei inteiro? Vou mantendo a minha fé...

"Até já",

Rogério Amaro

Minha querida irmã Cleópatra,

Tenho uma enorme saudade dentro do meu peito. A primeira coisa que irei fazer quando a guerra acabar e os feridos estiverem todos tratados será ir para casa, para junto de vós, da minha família que tanto amo.

Mas vou falar-te do motivo porque te estou a escrever. O trabalho aqui é bastante árduo, trabalhamos doze horas por dia e mesmo assim não é suficiente. Eu, juntamente com sete enfermeiras partilhamos uma casa mínima com pouquíssimas condições, nem água potável temos!

No hospital provisório em que estou a trabalhar chegam todos os dias dezenas de feridos da guerra, muitos deles em estado bastante crítico! Os doentes são cada vez mais e estamos a ficar sem espaço para eles. As camas já estão todas ocupadas e como somos apenas doze enfermeiras e não conseguimos tratar de todos os doentes, estamos a dar prioridade aos que se encontram em estado crítico, entre a vida e a morte. Quando os pacientes morrem são imediatamente levados para serem enterrados para prevenir que haja propagação de doenças no hospital. Alguns dos feridos não têm identificação com eles, então não conseguimos contactar as famílias para avisar o estado dos seus familiares.

O meu marido, como sabes, continua na guerra, só espero que não lhe aconteça nenhum mal e que volte rápido! Espero que isto acabe, parece que estou no inferno. Eu quero ajudar, isso não se põe em questão, mas já estou cansadíssima, estamos todas!

Tenho de me ir preparar para mais um dia de trabalho. Continua a tratar dos meus sobrinhos com todo o amor que tens para lhes dar! Espero voltar em breve para junto de vocês todos! Beijinhos com saudades!

Nome do remetente: José Figueiroa

26 de Março de 1917

Morada do remetente: Fronteira Sul Angolana

Nome do destinatário: Mariana Cardoso

Morada do Destinatário: Olivais Sul

Mãe,

Como sabes, cheguei há 15 dias a Angola. Há 13 dias, o meu pelotão partiu para a fronteira, no sul da Angola. E chegámos nesse dia ao entardecer.

Fomos para uma trincheira já muito complexa, tinha vários armazéns, caminhos, casernas, cozinhas, etc. O clima aqui é horrível, não chove nada e está sempre calor e um ar sequíssimo.

No 1º dia, achei que podia ser pior. Um sargento com quem simpatizei, chamado Ricardo Gouveia, disse que em França os corpos estavam em todo o lado. Mais tarde, soube que as nossas trincheiras também já tinham sido limpas dos mortos.

No 4º dia, depois de almoçarmos, estranhámos: ainda nada acontecera. O Ricardo, sem autorização, subiu as escadas para espreitar. Começou por muito discretamente dar uma vista de olhos rápida, mas, como não se apercebeu de nenhum perigo, decidiu pôr-se de pé e olhar com mais atenção. Depois disse “Figueiroa! Acho que não há mais nada aqui do que erva seca!”. Enganou-se. Ricardo foi de imediato alvejado na cabeça. Mais disparos se seguiram. O resto do dia passei-o escondido atrás de uns sacos de areia.

Os últimos 8 dias têm sido terríveis, os caminhos já começaram a inundar-se com corpos e os ataques são mais frequentes.

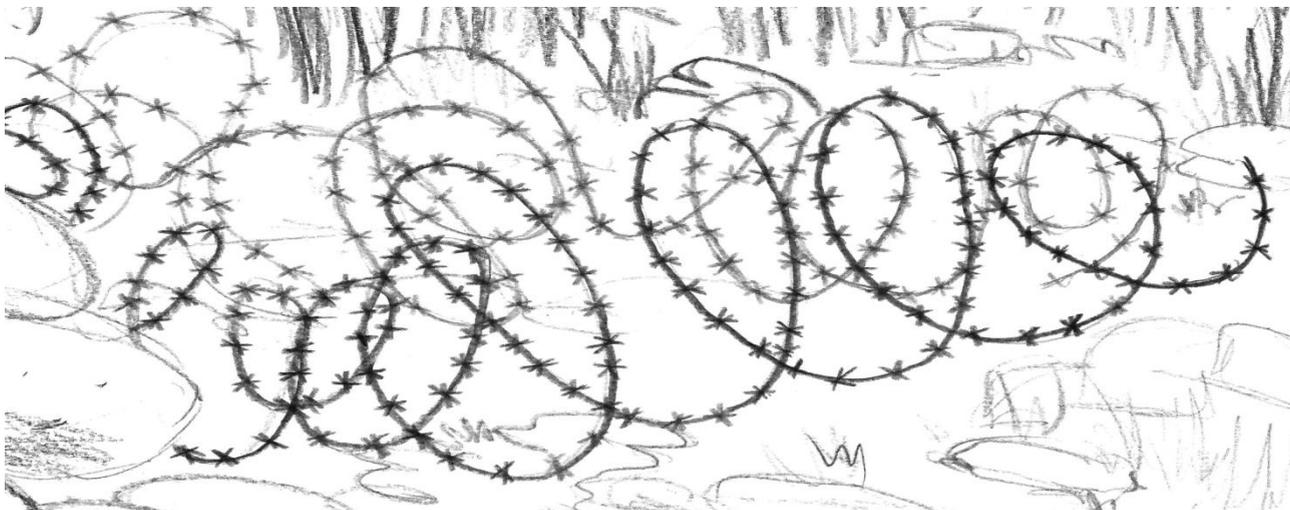
Ontem , eu e mais 2 soldados recebemos uma missão: ir à base mais próxima e trazer alguns caixotes de munições. Quase antes de chegarmos à tal base, um dos meus colegas foi atingido e projetado para um precipício com arame farpado no fundo. Ouvimo-lo gritar até 1 minuto depois da queda. O mais curioso é que o projétil que o atingiu nem sequer era alemão.

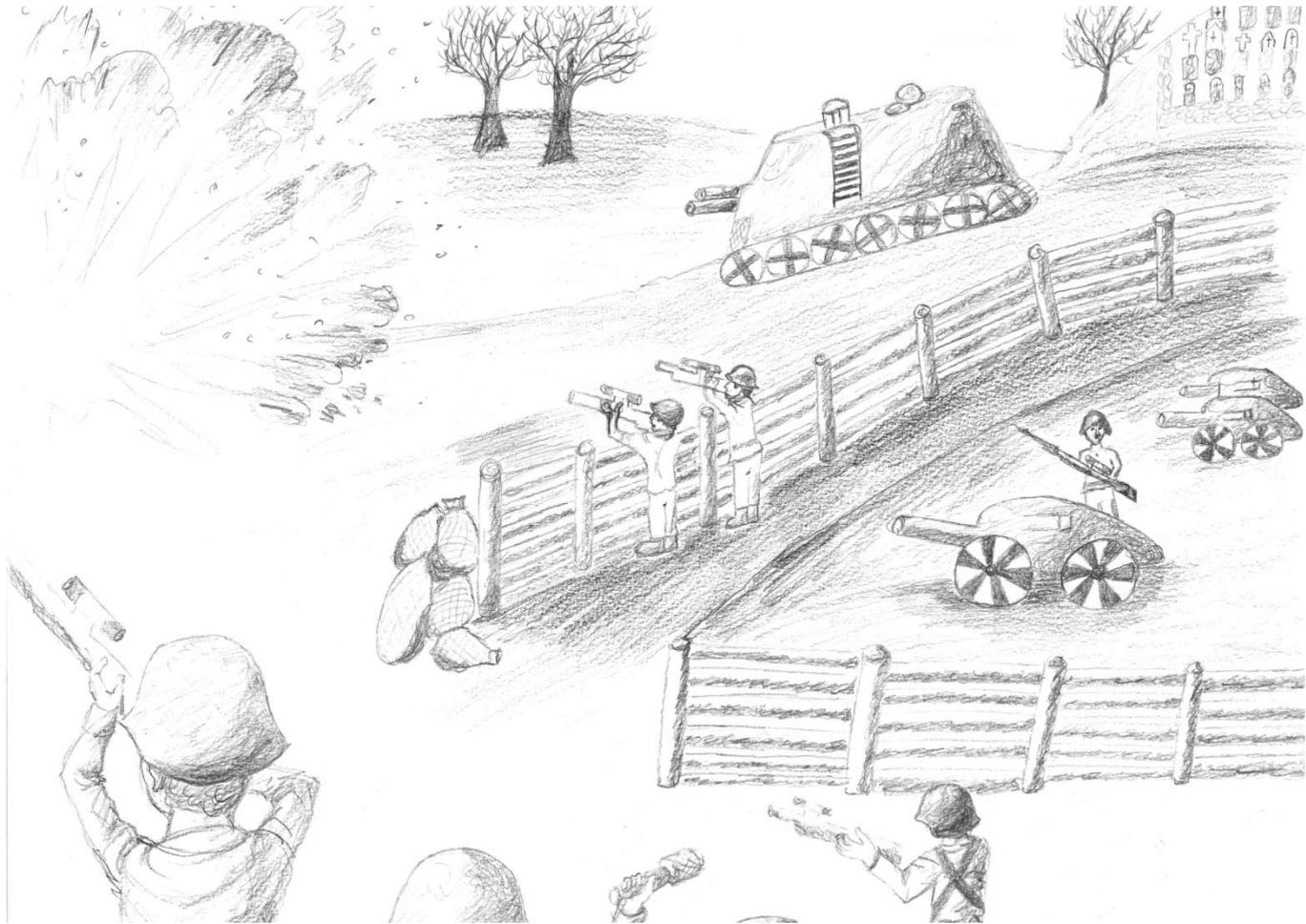
Termino esta carta nesta base militar. Já tenho os caixotes de munições e, amanhã de manhã, parto de volta para a trincheira.

Mãe, por favor, cuida da Joaquina e avisa-me com uma carta se o pai conseguir arranjar trabalho.

Um abraço,

José





3 de abril de 1917

Faz hoje dois meses que cheguei a esta trincheira, e, contudo, ainda não me habituei a este estilo de vida. Aqui, o sol escurece cedo e o fumo dos canhões não deixa nada a descoberto. Ficamos aterrorizados sempre que olhamos lá para fora e vemos pilhas de cadáveres deitados no chão. Nesses momentos, fico imóvel, com a ideia fixa de que poderia ser eu ali.

Integro a 1ª Brigada do Corpo Expedicionário Português, em França.

Ontem, investimos, quase sem eficácia, contra os nossos inimigos. Eu fiquei de vigia e só via a primeira fila a tombar como um dominó e os de trás a darem meia volta e fugirem a sete pés.

Estamos cada vez mais convictos de que esta guerra não terá fim. Sem sabermos por que lutamos, benzemo-nos com fé, à espera que Deus nos ajude a ganhar, não pelo prazer da vitória, mas sim para que estes tormentos acabem.

A toda a hora ouvimos os sons agudos dos projéteis, bombas, granadas..., pessoas a morrer mesmo ao nosso lado, porque inalaram gases tóxicos e passaram horas de aflição até acabar por morrer sufocadas.

Eu apenas quero que esta crueldade acabe!! Só quero voltar e esquecer-me dos cadáveres, da frieza, do inimigo, da destruição, ...!!!! Só isso!!

Sábado, 11 de Maio de 1917

Querida Família,

Como estão passando?

A vida aqui não é muito fácil, como podem imaginar; nunca é fácil viver em guerra, mas ainda é pior viver dentro dela, como é o meu caso. Estamos num terror constante. São os estrondos dos canhões, dos tiros das espingardas que ecoam pelo ar e matam quem quer que esteja desprotegido, que nunca nos deixam esquecer a guerra em que nos encontramos. Sabem que pertenço ao Corpo Expedicionário Português e que luto em França.

Aqui, não temos muito para comer, nem para beber, o que se torna mais complicado devido ao esforço que fazemos. Espero que aí se estejam a aguentar e continuem bem de saúde.

Todos os dias penso no que nos fomos meter, se tudo isto era necessário e como era a minha vida antes desta guerra. Tenho saudades vossas e da minha vida descontraída.

Aqui, nas trincheiras, tudo se passa dentro de buracos cavados no chão e de placas de madeira com sacas à volta. Os dormitórios, as latrinas, a cozinha e até mesmo os hospitais na retaguarda, como podem imaginar, não são um local muito animador, principalmente quando vemos pessoas de quem gostamos lá entrar e nunca mais de lá sair.

Tantos mortos e feridos!

Cada dia que passa, choro incessantemente por aqueles que vi partir e com medo do que vos aconteceria, se eu morresse. Cada dia que passa, penso mais em vocês. Cada dia que passa, penso na paz. Cada dia que passa, sinto o terror de viver em guerra e penso nas probabilidades de ser morto, assim como muitos outros soldados portugueses, que tal como eu, aqui vieram parar, com pouca preparação, a um campo de batalha tão sangrento. Cada dia que passa, questiono “Será que esta guerra é necessária?” A resposta é NÃO!

Querida família, tenham fé, pois, se Deus quiser, em breve estaremos todos reunidos.

Daquele que vos adora,

José Adelino

Madalena Pimentel

Domingo, 13 de maio de 1917

Queridos pais,

Como estão? Espero que estejam bem, ao menos melhor do que eu... Tenho saudades vossas.

Estou cansada. Fico sentada no meu local de trabalho a cuidar dos guerreiros que estão convictos de que a vitória será deles. Mas porquê lutar? Porquê tanto ódio?

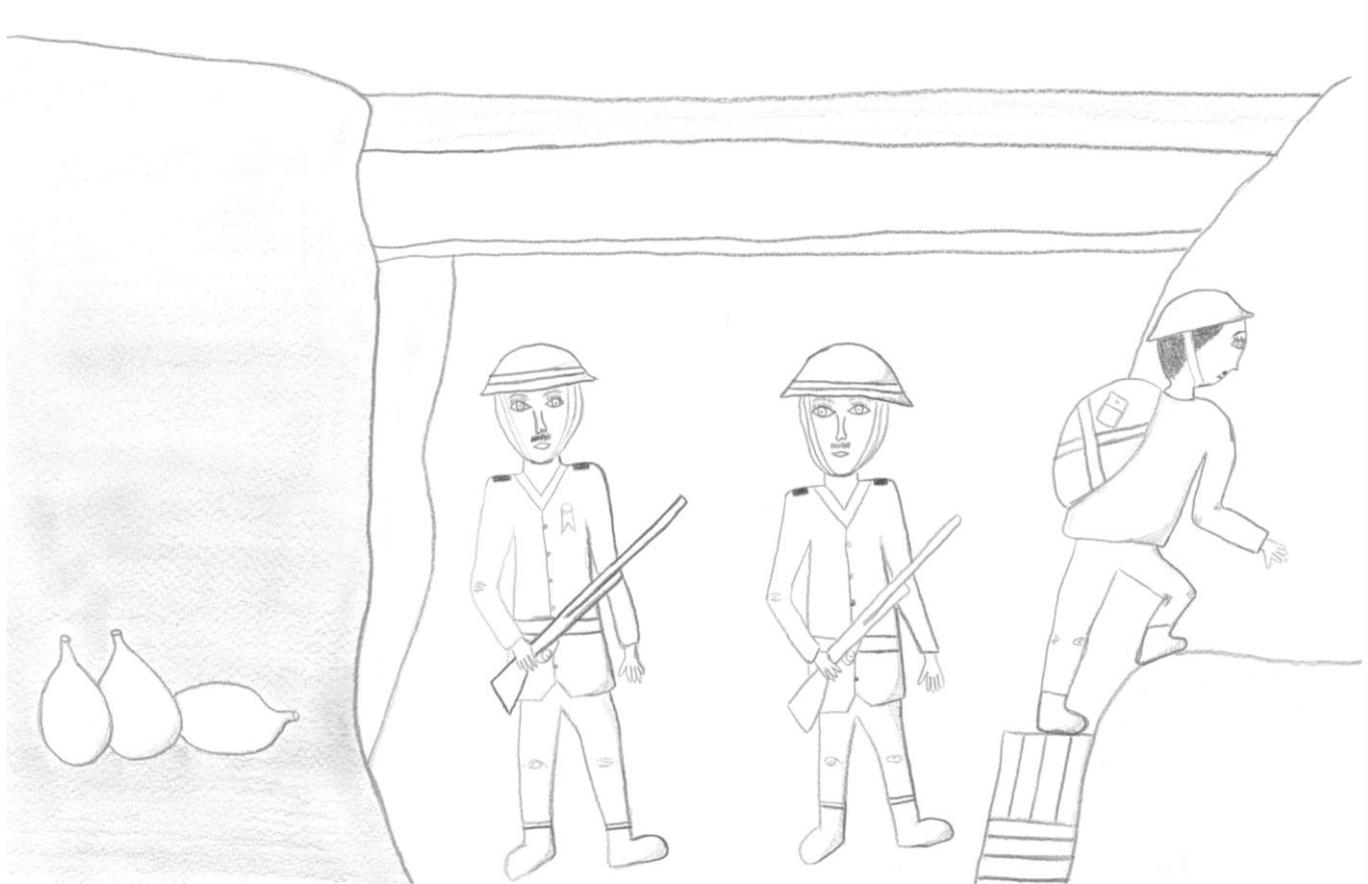
Quando acabo o meu turno, olho para o lado de fora. Não oiço vozes. Só oiço o som da marcha e dos projecteis a lançar mais uma bala de fogo. Conto até, aproximadamente, sete segundos, e é lançado outra e assim sucessivamente. Lá vai mais uma morte, mais um ferido para tratar. Fico arrepiada com cada som, com cada projectil lançado, fico assustada com o que poderá acontecer, e fico a pensar no significado desta guerra que parece não ter fim. Fico a pensar no quão desumanas estas pessoas estão a ser, a lutar pela paz através da guerra.

Mas eu sei que voltaremos a ficar juntos e voltaremos a sorrir daqui a pouco tempo.

Agora tenho que ir. Adoro-vos...

Da vossa filha,

Josefa Silva.



João Toupa

França, 23 de Julho de 1917

De: João Toupa, tenente do Corpo Expedicionário Português (CEP)

Para: Mafalda Nascimento

Como está tudo por aí? Só agora, que as coisas acalmaram, tive a oportunidade de te escrever.

Aqui, as coisas baixaram de intensidade, matámos muitos daqueles malditos! Recuperámos a primeira fila do campo de batalha e já construámos as trincheiras, este lugar horroroso, cheio de sangue, sujo, sem condições próprias à nossa sobrevivência. Tenta imaginar como são as coisas aqui, de dia controlamos o campo de batalha a ver se alguns deles abandonam as trincheiras para levarem uma saraivada de balas. Não temos quase nada para comer, temos de partilhar entre todos. Não temos a vossa sorte de estar às seis horas da tarde, na cozinha, a lanchar um pão com manteiga. Se tivermos um pão duro, já é uma dádiva! À noite, não durmo nada, acordo constantemente em sobressalto com o perigo de eles abrirem fogo cerrado.

Não é para te preocupar, mas durante o combate alguns daqueles malditos alemães entraram nas trincheiras e limparam as nossas tropas que estavam no lado esquerdo. A minha lesão proveniente desta demonstração de carnificina foi uma bala nas costelas.

Não sei quanto mais tempo aguento! Estou desesperado! Já não percebemos o porquê desta guerra. Cada dia morrem milhares de homens que podiam estar a trabalhar.

Mas, a esperança mantém-se. A vitória vai ser nossa!

Espero voltar em breve !

Teresa Soromenho

O meu nome é Manuel. Tenho 21 anos, e fui convocado para o Exército. Estamos em 1917, Portugal entrou há uns meses na Guerra, e fui colocado na Frente Francesa.

27 de Julho de 1917

Querida família,

Nem sei se esta carta chega até vós. Como está tudo por aí? Todos bem de saúde? Por aqui, a maior parte das vezes estamos parados, na expectativa de algum ataque. A este tipo de guerra, que surge devido à igualdade de forças das tropas, chama-se de Guerra de Posição. O ambiente em que vivemos é péssimo. Vivemos em trincheiras, com um cheiro nauseabundo. Há corpos por todo o lado. Entre as trincheiras inimigas há a Terra de Ninguém, o local que provavelmente será mais nítido na minha memória, tendo em conta que passamos horas sem fim a observá-lo, na tentativa de perceber as próximas táticas do inimigo, de modo a protegermo-nos melhor. Contudo, tanto nós como os alemães, ficamos à espera que o adversário ataque... Passamos assim grande parte do nosso tempo. Não tomamos banho, há muitos insetos, ratos e parasitas, mas são estas as condições que temos de suportar. Afinal de contas, é um orgulho defender o meu país. Faz muito frio por aqui.

Ontem houve um grande ataque... Muitos dos nossos homens ficaram pelo caminho, mas graças a Deus, eu aqui continuo, ileso, e se Deus quiser, hei de voltar para casa tal e qual como parti, mas apenas com uma diferença: voltarei cheio de saudades. Antes de aqui chegar, nunca tinha disparado uma arma, muitos menos contra alguém... O primeiro disparo custa sempre, é um horror, sentimo-nos orgulhosos por defender o país, mas ao mesmo tempo aterrorizados com a atrocidade cometida. É uma triste realidade, mas acabamos por nos habituar a tirar vidas...

Assim me despeço...Espero voltar em breve. Com muito amor,
Manuel

Francisco Machado

Trincheira 5, Cuangar, Angola
9 de Agosto de 1917

Querida Família,

Estou a escrever para vos dizer que ainda respiro. Aqui em Cuancar é o Inferno; a brisa quente que passa por estas bandas eleva as temperaturas, enquanto as bombas dos germânicos não param de cair sobre nós. Estas, quando explodem, ensurdecem e provocam pesadelos aos soldados.

Estamos a conseguir avançar de trincheira em trincheira, como um carreiro de formigas, e com a ajuda dos Ingleses chegámos à quinta. Muitos soldados morrem, por tiro, doença, e, por vezes, loucura. Não há médicos que cheguem para todos. Nós, enquanto soldados, só queremos sair deste pesadelo em que vivemos, miseravelmente. Há 10 meses que não sabemos o que é uma cama; o enorme calor provoca doenças e paranoia nos soldados.

O coronel Macedo encorajou-nos, dizendo que temos que pensar que lutamos, sofremos e avançamos em nome de uma nação: Portugal! Esta guiar-nos-á à vitória!

Hoje recebemos notícias vindas da Europa, os alemães estão a recuar! Em breve a guerra vai acabar e podemos voltar a casa, terminando com esta chacina de uma vez por todas! A vitória será nossa!

Como estão as coisas aí em Coimbra? Está a ser um bom ano de trigo?

Estarei em casa brevemente...

Muitas saudades,
Tenente Machado

10 de agosto de 1917

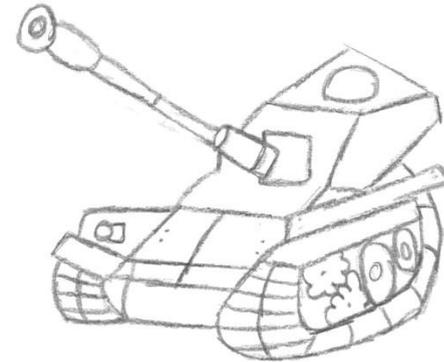
“ Querido diário,

Já se passaram seis meses e continuo aqui, neste sofrimento. Não tenho escrito, a Guerra tem piorado.

Não vou sair daqui vivo. Infelizmente, estou na primeira fila das trincheiras e acho que nunca vi nada tão horrível. Se sair daqui com vida, estas imagens permanecerão para sempre na minha memória. Estas cenas aterrorizadoras, que arripiam qualquer um, deixam-me de coração nas mãos, vendo os meus companheiros a sofrer no chão e eu incapaz de os ajudar. Uma coisa que aprendi, é que isto não é um sítio para criar laços nem nos agarrarmos a pessoas, sabendo que as podemos perder a qualquer minuto. Já sofri muito desde que cá estou e isso levou-me à insensibilidade e à arrogância perante os outros.

Tenho que ir. Não posso perder tempo, se quero sair daqui!

Abraço, o teu Escritor ”



15 de Setembro de 1917

Querida mulher,

cá estou eu na Primeira Brigada do Corpo Expedicionário Português.

A vida aqui nas trincheiras é um inferno. Estamos sujeitos a condições inexplicáveis e impossíveis de imaginar. Nos dias de chuva, as longas e tortuosas galerias ficam transformadas em verdadeiros rios de lama onde nós, soldados, rastejamos. As condições de higiene são terríveis. Milhares dos meus companheiros de armas falecem devido aos ataques, às doenças e à quantidade de parasitas. Ontem tivemos que queimar as nossas roupas porque só assim nos vimos livres dos piolhos que quase nos devoram. Nem os sapatos ficaram. Somos invadidos dia após dia por gases asfixiantes lançados pelo inimigo. Vi muitos soldados morrerem por não terem colocado a máscara a tempo e até eu considero ter os pulmões seriamente afetados. Apesar das melhores condições dos nossos inimigos, pois têm bons casacos que abafam o frio e sapatos que os protegem, temos uma boa técnica de ataque: A artilharia bombardeia o campo inimigo e de seguida assaltamos com a infantaria.

Já nem distingo os dias das noites, devido à excessiva fumaça provocada pelos incêndios. A escuridão reina neste inferno. Um minuto aqui passado parece cem anos. Os dias são intermináveis. Avançamos mudos, batemos os pés aterradora-mente como um carreiro de formigas enfrentado a morte. Fico arrepiado, sem disparar. A primeira fila de malditos tomba como um dominó e os de trás fogem a sete pés. Estrondos, explosões de granadas, o silvo estrídulo e agudo dos projeteis, que horror! Choro intensivamente todos os dias, com os nervos à flor da pele, mas ao pensar em ti e no nosso pequeno guerreiro, o meu coração enche-se de coragem e força para continuar. À noite, nem consigo dormir só de pensar na enorme quantidade de cadáveres inocentes que serão apenas lembrados pelas memórias das desgostosas famílias, no sangue e no que me pode acontecer dia após dia. Voltarei inteiro? Ninguém entende o significado desta guerra cruel e fria.

Aqui estou eu, a benzer-me com fé e a escrever-te, meu amor. A saudade é o único sentimento que faz arder e despertar o amor que sinto no meu coração. Quero regressar para os teus braços e para os do meu rapazinho. Irei lutar por nós e para sair deste pesadelo infernal. Não te preocupes. Estamos convictos de que a vitória final será nossa!

Do teu amado

Álvaro Adelino.

Gonçalo Lopes

15 de setembro de 1917

Querida mãe,

Conto hoje o meu centésimo quarto dia nesta vida cinzenta, escura e lamacenta. Quando falo com os meus colegas (aqueles que até agora não enfrentaram a morte) concluo que esta vida nas trincheiras já se prolonga há mais de dois anos!

Vivemos agora nas Trincheiras. Os barulhos que oiço mudam muito rapidamente: num momento, só oiço a chuva, noutra, o sibilar agudo dos projéteis põe-me surdo. Corpos sujos no chão... Caídos, mortos...

Hoje dormimos em cima dos nossos falecidos companheiros... Algo que me perturbou muito e me dói na alma. O sono é imenso, mas o medo de morrer mantém-nos de olhos abertos.

Um abraço grande,

Gonçalo

França, 17 de Setembro de 1917

Querida Família,

Recebi a vossa carta! Agradeço, antes de mais nada, tudo o que têm feito por mim. Quem me dera poder ver as vossas caras e poder ouvir as vossas vozes mais uma vez...mas isso significaria que a guerra tinha acabado. Não vai acabar tão cedo. Gostava que acabasse cedo o suficiente para que o João, o António e o Joaquim não chegassem sequer a entrar na guerra. E a Maria está bem? Gostava de voltar a vê-la. Ouvi dizer que agora as mulheres ocupam os cargos dos homens. A Maria, também já arranjou um emprego?

Comigo está tudo bem... quer dizer, não estou morto, nem ferido. Isto aqui está horrível, sangue por todo o lado, um cheiro nauseabundo.

O pior foi a última batalha... foi um pesadelo. As balas a voarem sobre as nossas cabeças, o sangue das pessoas ao nosso lado a cair-nos em cima, e os gritos, oh meu Deus! Os gritos... Foi tudo terrível. E todos os meus amigos morreram. Éramos oito. Só sobrei eu e outro.

Mas, agora já passou e, se tudo correr bem, daqui a pouco vou ser substituído e poderei ir aí fazer uma visita.

Muitos abraços,

Carlos

Lille, 14 de Outubro de 1917

Esposa do meu coração,

Espero que esta carta te vá encontrar de boa saúde, pois eu aqui neste inferno vou sobrevivendo.

Há já cinco dias que não durmo. O barulho ensurdecedor dos canhões, parece de zumbidos a estalar dentro da minha cabeça. A vida aqui é muito penosa, a chuva inunda as trincheiras e nós movimentamo-nos com dificuldade neste lamaçal interminável. As colónias de ratos abundam nestes locais, espalhando doenças, contaminando alimentos e água. Todos os dias morrem soldados ao meu lado e como é muito difícil retirá-los da trincheira, os corpos vão-se decompondo nas valas e o cheiro torna-se insuportável. Muitas vezes penso que a qualquer momento posso ser eu aquele corpo abandonado.

Estou farto! Já não aguento mais! Está a tornar-se cada vez mais difícil viver aqui! Qual o sentido desta guerra? Para quê sacrificar a vida de tantas pessoas? Será que vale a pena?

Os dias são sempre iguais, repetitivos e esgotantes, já as noites parecem não ter fim, ficamos à espera, a olhar a “terra de ninguém” durante horas intermináveis, mas com o coração muito apertado, sempre em sobressalto e vigilantes, à espera de que algo aconteça.

Mas já chega de infelicidades, meu amor. Tantas vezes fecho os olhos e imagino-te à minha beira. Ai, como é reconfortante. A saudade invade-me todos os dias. O meu maior desejo é que isto acabe para poder regressar para junto de ti e da nossa querida filha. Mantenham a esperança, que eu irei regressar vivo.

Despeço-me com muito amor e saudade,

Do teu querido Haroldo.

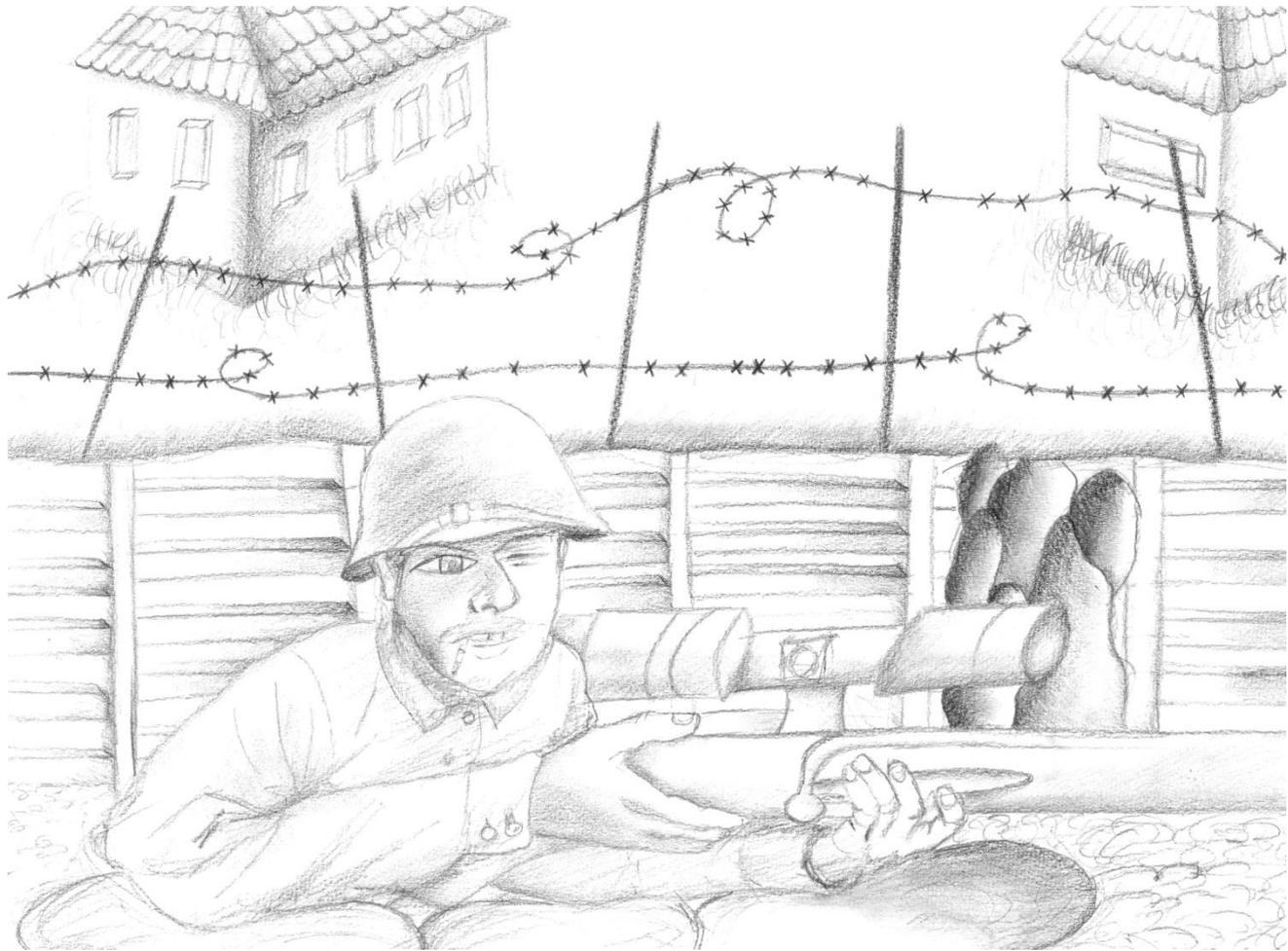
28 de maio de 1917, foi o dia em que partiu. Sou uma mulher de trinta e dois anos, ama de casa, e agora, chefe de família. O meu marido partiu para a Grande Guerra e eu fiquei aqui, com dois filhos para criar, uma casa para sustentar, com o coração nas mãos e apenas uns quantos postais que retratam a pobre vida miserável do meu João. Postais que me fazem sofrer, chorar e acreditar.

“ Eram gritos, desesperos, tiros, fogo e mortes. A maioria dos países beligerantes acreditava que a guerra seria breve, mas com o passar do tempo, até eu percebi que nunca mais seria liberto. Juntamente com o resto dos soldados, escavámos uma extensa rede de valas e abrigos ao longo do território, as trincheiras. Nelas, ficamos sujeitos à miséria durante longos meses: à fome ao frio e ao medo constante da morte por bombardeios, granadas, tiros e doenças. É horrível. Cada dia que passa é uma eternidade.

De manhã, quando acordo, passo pela lavandaria, onde se encontram grandes baldes de água a esquentar que matam os piolhos e as pulgas. Passo o dia em frente a um muro, vejo lama, oioço tiros e bombas, cheiro fezes, como restos intragáveis e suspiro rezando pelo fim da Guerra ou da vida.

Cada mês que passa, desejo que termine, mas perante toda esta tragédia, temos que acreditar em algo que nos faça prosseguir e lutar para viver. Para além das batalhas, eu tenho-te a ti e aos nossos dois filhos que são o meu único motivo para sorrir.

Um grande beijo,
João.



16 de Novembro de 1917

Sul de França

Minhas queridas,

Espero que esta carta vos vá encontrar com saúde e que estejam todos muito bem, pois a minha situação não é das melhores.

A vida nas trincheiras é horrível, homens caem mortos aos meus pés, o fogo é interminável, dura dias e noites inteiras. Só oiço gritos e canhões a disparar, e o céu torna-se inatingível já que as nuvens negras nos impedem de o ver. Será que isto vai acabar? Quando? O chão é lama, os pés enterram-se, o meu corpo mantém-se gelado, doem -me as costas de tanto carregar as pesadas mochilas e as armas. As gripes e as epidemias abundam.

Isto é um inferno! As pessoas estão tão desesperadas que dão o seu corpo às balas só para irem para a enfermaria, ou mesmo tentarem a sua sorte e irem para casa. Às vezes, para nos protegermos, carregamos cadáveres, e tantas vezes que penso que poderia ser eu a ser carregado... Não consigo dormir, tenho medo que nos ataquem a meio da noite. Quero voltar para casa, mas não há qualquer possibilidade. Agora andamos de máscara, o que dificulta a visão dos acontecimentos. Infelizmente, as novas invenções tecnológicas trouxeram novidades... começaram a usar uns gases tóxicos... o ar tornou-se venenoso. Apesar de termos conquistado trincheiras praticamente todas as semanas, o que é muito bom e nos dá um certo ânimo, os nossos chefes já não sabem o que fazer. Perdemos muitos homens e temos de arranjar novas táticas todos os dias. Tenho tantas saudades de casa, de todos, do sossego do nosso lar e da comida deliciosa e quentinha. Aqui a comida não alimenta e muitas vezes passamos fome. Desejo que esta guerra acabe rapidamente, porque não tem um propósito. Espero conseguir sobreviver... Sinto-me preso.

Muitos beijinhos e saudades

Aníbal

Somme, 17 de novembro de 1917

Minha querida família

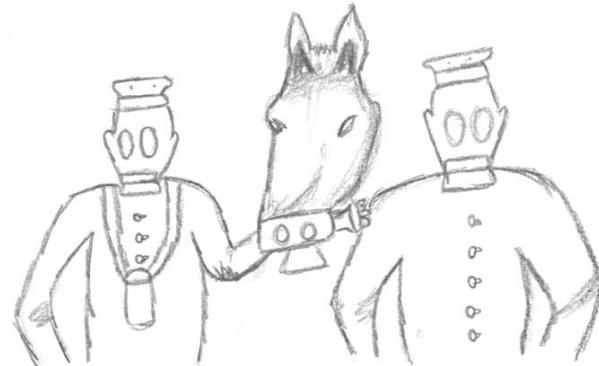
Felizmente que tudo corre bem aí em Guimarães. “E tu?” Perguntarão vocês. Eu, finalmente, saí da frente de batalha, daquela trincheira horrível. Havia ratos mortos, cadáveres e muitas outras coisas. Os fumos matavam pessoas e ficavam nas trincheiras, obrigando-nos a utilizar as máscaras. Os sons das explosões dos canhões deixavam-nos surdos.

Tudo isto é a pura verdade da guerra. Morrem centenas de soldados por dia! O Zé Lopes levou um tiro e foi parar ao hospital! Fiquei arrepiado quando o corpo dele tombou no chão. E se tivesse sido eu?! Não vos quero assustar, mas... isto é cruel, não durmo há três dias e não sei se voltarei a dormir bem. Embora já tenha saído de lá, ainda tenho memórias aterradoras e estou sempre atento aos sons no meu redor. Saí da frente de batalha. Estou doente!...

E aqui me despeço.

Com muito carinho de:

João



17 de novembro de 1917

Rennes, França

Minha querida esposa Maria

Como estão?

Estamos a passar muitos maus momentos;

Já tenho feito amigos aqui, dos quais vi alguns morrer. Fiquei muito triste e deprimido. Mas foi a tua lembrança que me fez continuar a combater.

Aqui em França, eu e os meus companheiros construímos uma trincheira à superfície, porque o solo é pouco resistente e todo enlameado. Nestes sítios, as condições de sobrevivência são miseráveis. Alguns dos meus amigos morreram devido a doenças transmitidas através de ratos e outros insetos ou roedores. Outros morreram, feridos da guerra.

Para sobreviver, todos os dias tenho que ter muita resistência e pensamento rápido. Nunca se sabe quando posso ser atacado no campo de batalha.

Nos dias em que não existem grandes combates, concentramos-nos a produzir armadilhas para surpreender as tropas inimigas.

Estou cheio de saudades tuas e dos miúdos. É esta saudade que me permite continuar nesta guerra contínua e sangrenta.

Promete-me que continuas a cuidar deles e dos animais.

Tenho muitas saudades tuas.

André

Somme, 20 de novembro de 1917

Querida Júlia,

Espero que esteja tudo bem contigo e com a nossa filha, aí, na nossa terra de sempre, o nosso querido Portugal!

Estou a escrever-te, uma vez que já há algum tempo que não o faço e, para além disso, sinto que esta é a altura certa para te informar dos últimos acontecimentos. Este conflito é, sem dúvida nenhuma, a pior tragédia a que já assisti. Aqui, nas trincheiras, as condições são desumanas, estamos “afogados” em lama, o silvo arrepiante dos projéteis, o estrondo das granadas e o cheiro a morte invadem-nos. A cada minuto, tombam milhares de soldados que sacrificam a sua vida e derramam o seu sangue pela vitória da sua nação. Os últimos dias têm sido muito agitados e esgotantes, não só para mim como também para todos os meus camaradas e companheiros de armas que pertencemos à 1ª Brigada do Corpo Expedicionário Português. Tudo isto me destrói e choro incessantemente...

Ontem, no meio deste inferno e de toda esta crueldade, fui atingido por uma bala e a minha perna direita encontra-se em muito mau estado, sendo que existe uma grande probabilidade de vir a ser amputada. Os próximos dias serão cruciais, mas posso considerar-me um soldado com muita sorte, visto que grande parte das nossas tropas morreu, ficou gravemente ferida em combate ou até ficou com traumas para o resto da vida devido ao aterrorizante e hostil ambiente bélico. A guerra não mostra sinais de estar perto do fim! Os dias representam a continuação de uma guerra que, para todos nós, não tem qualquernexo. Rezo para que este inferno acabe, pois o que mais desejo é voltar a ter-te a ti e à nossa linda filha nos meus braços! Meu amor, recordo, extasiado, a notícia da última carta que me enviaste, a nossa bebé, a Maria Beatriz, nasceu saudável! Dava tudo para ter estado presente nesse momento... Deve ser linda como a mãe! A vontade de vos ter perto faz-me vencer os momentos mais difíceis!

Fica bem que eu prometo que me safo desta!

Um grande beijo deste homem que te ama,

Tenente Cardoso e Cunha

23 de novembro de 1917

Já estou farto disto; já me cansei da guerra; ser comandado e acatar ordens de um bando de incompetentes, que estão seguros nas linhas de trás, enquanto eu sou carne para canhão.

Se houve hora em que não ouvi uma única bomba, já foi muito bom. A luz do dia é quase inexistente, o fumo no ar é tão denso que a abafa.

Estou a ficar louco!! Na minha cabeça, a única coisa que existe é o som das balas a embaterem na trincheira em que me apoio agora. Já nem acredito que vá sobreviver, mas tentarei até ao fim!

Espero que a minha família esteja bem, nem dinheiro tenho para lhes mandar uma carta. Infelizmente, penso que voltar a estar com eles será difícil! A Joana fez dois anos há três dias. Mas, a guerra parece interminável.

As condições em que todos vivemos são terríveis, a alimentação é escassa, à base de papas, e esperam que tenhamos energia quase infinita. Vivo num cubículo com mais quatro homens, apesar do companheirismo, não gosto de não conseguir dar dois passos sem chocar num deles, constantemente.

Espero que isto acabe rápido! Só quero voltar para casa e estar com quem mais amo, parar de viver nervoso, sob pressão e terror constantes. Basta de guerra!

João

27 de novembro de 1917

Minha querida família,

Ainda estou no Somme. A comida está a escassear. Estamos encharcados em dois metros de lama fria. Mas estamos otimistas. Um dos nossos espiões, infiltrado nas trincheiras inimigas, apurou planos de uma ofensiva aliada para amanhã. Pensam que nos vão apanhar desprevenidos.

Estamos num momento crucial que pode acabar a guerra. Não podia ter sido mais oportuno. Estou farto da guerra! Da morte, das doenças, do frio, da tristeza... Já vi muitos soldados a morrer à minha frente. Um era da tua idade, Lukas. Meu filho, espero que nunca precisas de lutar nesta carnificina.

Num ano, perdemos nove milhas de território. Pode não parecer muito, mas já se estão a ouvir rumores de que os EUA vão entrar na guerra. Se isso acontecer, não sei se vos verei mais alguma vez. A guerra estará acabada, e a pátria alemã ficará humilhada. Seremos um país ridicularizado. Nunca mais seremos levados a sério.

Apesar do pessimismo e da derrota, várias das ofensivas aliadas são um fracasso. Quando os soldados saem das trincheiras, é fácil abatê-los com metralhadoras. O que nos assusta, e que leva alguns soldados a perder a cabeça (figurativa e literalmente) são os bombardeamentos. Ontem houve um. Tive de ver mais de mil homens, consumidos pela lama e pela chuva, a perderem a vida.

Espero que acabe depressa,
Friedrich.

Flandres, 12 de dezembro, 1917

Querida Maria,

Escrevo-te para desejar-vos um feliz Natal. Espero que fiques satisfeita por saberes que continuo vivo, após alguns meses sem te escrever. Encontro-me na Flandres, a guerra está a ser muito dura, mas irei com certeza voltar a casa.

Sinto tanta falta de casa! De estar contigo e com os nossos filhos! Aqui, as condições de vida são péssimas! Há pessoas a morrer por todo o lado, com imensas doenças que existem nas trincheiras. Sinto também a falta dos teus cozinhados! Aqui mal comemos, e quando comemos, os alimentos não vêm nas melhores condições. Por exemplo, a minha última refeição foi uma papa qualquer de não sei o quê.

Já estou farto disto! Desta guerra infernal! Estou cansado de ouvir explosões, tiros e mais tiros, ver os meus amigos, que estão na linha da frente, caírem e ficarem seriamente feridos ou até mesmo mortos! Eu rezo para que os nossos filhos não passem por esta tortura, pela qual estou a passar. Quando durmo, só penso em vocês. Queria agradecer-te pelas coisas que me tens mandado, como as tuas espectaculares bolachas, e pela vossa preocupação.

Rezem por mim e feliz Natal. Espero que tenham uns dias felizes, apesar de eu estar ausente.

Sempre vosso,

Orlando Inácio



Flandres, 12 de Dezembro de 1917

Queridos pais

Hoje escrevo-vos uma página do que tem acontecido por aqui, uma breve memória do que tenho vivido nestas terríveis trincheiras. Nestes dias não tem acontecido nada, pelo que o pior pode estar para vir. Por isso, aproveito este pouco tempo para vos contar um pouco do que tem sido esta vida. Tenho vivido numa casa escavada (trincheiras), com chão lamacento, cheia de piolhos e ratos. Uma praga, mesmo. Além disto, a comida é pouca e a água que se pode beber quase nem chega para todos. Esta minha nova residência cheira muitíssimo mal, mas até já me habituei ao cheiro. Não é nada parecido com os cheiros da nossa terra. Aliás, nada é parecido com a nossa “velha” casa. O tempo que durmo é mínimo e na maioria das vezes nem o faço. Para somar, as doenças têm aumentado. Neste momento, com tudo isto, não sei se me hei deixar vencer ou continuar a lutar, porque, para mim, esta guerra parece nunca mais acabar. Já perdi muitos amigos. Não sei se consigo continuar. Até acho que já perdi a capacidade de acreditar!

Tem sido bastante difícil de enfrentar o nosso inimigo. Têm grandes e potentes armas e veículos com tudo o que nesta guerra receio. Além destas razões, a praga das pulgas, que nos deixa a todos cheios de comichão, dificulta o disparo contra os nossos inimigos. Também o cansaço está presente em todos nós. Tem sido assustador. E mais, para dificultar esta guerra, não temos, apenas, as mortes causadas pelos nossos inimigos, mas também pela nossa própria “casa”. Já morreram, infelizmente, bastantes amigos devido às doenças que apanharam nestes caminhos escavados, que mais parecem abrigos de toupeiras. Enfim, não há muito mais para vos contar, meus pais, porque a vida aqui é dura e cruel, e apenas isso. Estou a viver um pesadelo. A única coisa que me faz lutar, neste momento é a ânsia de voltar a rever-vos, minha família, de defender o meu país e esperar que esta guerra termine. Tenho que ir, os disparos começaram novamente.

Já vou em um ano de guerra contra os alemães! Será que isto nunca irá acabar? Tenho saudades vossas! Quero voltar! Esperem por mim, que eu vou só acabar de lutar!

O vosso filho em guerra,

Silvestre Capachinho.

França, 25 de dezembro de 1917

Querida família!

Estou com imensas saudades vossas.

Cada dia que passa as coisas pioram. Temos homens a dar o corpo às balas dia e noite. Aqui, neste hospital improvisado, recebemos capitães, generais e soldados em sofrimento, a verem a morte cada vez mais próxima a cada minuto que passa. Por vezes, questiono-me se isto (a luta, a perda de homens) é mesmo necessária. Estes soldados estão aqui a representar e proteger a nação, a nossa pátria amada. Ainda hoje tratei um soldado. Dois tiros na perna esquerda. Tivemos de a amputar e está, neste momento, a recuperar.

Todos os dias chegam heróis, homens valentes psicologicamente devastados, exaustos e desgastados.

É impossível dormir. A meio da noite ouvem-se gritos “Avançar!” para dispararem os canhões. E é como se estivéssemos mesmo a centímetros deles! Os ouvidos a estalar com os estrondos, a perda de vidas... Não percebo como é que a humanidade se deixou levar até isto. Para quê usar a força quando a nossa maior força são as palavras?

A aliança com Inglaterra está a matar Portugal!

Na última noite, enquanto descansava um pouco, acordei exaltada com o general a suplicar-me para eu socorrer dois jovens militares. Infelizmente, um deles morreu. Não merecemos a guerra...

A força destes homens e de todos os que cá estão (militares, exército, médicos e enfermeiros) é incrível.

Deus queira que isto seja só um pesadelo e que passe rápido!

Feliz Natal família! Fiquem bem.

Beijinhos e abraços para todos,

Constança

28 de dezembro de 1917, Lille, França.

Querida Maria,

Desculpa demorar muito tempo a responder, mas tenho estado ininterruptamente na frente de batalha. Aqui, em Lille, vivemos um clima de medo devido ao facto de ter havido um intenso ataque alemão, com muitas baixas para o nosso lado. A primeira fila, onde se encontravam os meus companheiros, tombou como um dominó e os de trás davam meia volta e fugiam a sete pés. Mas, apesar de tudo, conseguimos manter a segunda fila das trincheiras, onde me encontrava, e também a terceira fila. Mal tenho dormido. O fogo parece interminável.

Voltarei inteiro?

A única coisa que me alegra neste mundo de guerra é a paisagem belíssima do Norte de França, bastante diferente da portuguesa. O Sargento Miterrand está muito contente com o nosso desempenho. Mas nós, os seus soldados, já não temos forças para lutar nesta estúpida guerra! Não vejo a hora deste martírio acabar. Estou farto do estrondo das explosões de granadas, do sangue derramado. Não entendo a necessidade desta guerra,... Às vezes, dou por mim a fazer planos para nós. O nosso casamento, construir a nossa casa e, mais tarde, os filhos. Estou cheio de saudades tuas! Fala-me de ti na próxima carta. Tens-te divertido com as tuas amigas? E o trabalho como vai? Envia-me uma fotografia tua. Os meus pais estão bem? Já fizeram o passeio à praia? Espero que a minha mãe tenha melhorado da constipação. Sonho em voltar a vê-los rapidamente e com um belo passeio com o Malandro, o meu fiel cavalo amigo. Estamos convencidos que a vitória final será nossa.

Beijos enormes para todos,

Manuel da Silva.

(P.S.: Na próxima encomenda, envia-me uma alheira e uma manta bem quentinha!)

5 de janeiro de 1918

Querida Mãe,

Encontro-me em Gravelle, na frente de combate no ocidente da Alemanha. Cheguei há pouco menos de um mês, acompanhado dos meus compatriotas. Infelizmente, não tive hipótese de escrever anteriormente, devido à inexistência de um lugar minimamente privado em que pudesse redigir uma carta.

No dia da nossa vinda, dezassete de Fevereiro, muitos soldados ocupavam-se a queimar as suas roupas, algo que é realizado periodicamente, por causa de piolhos e outras pragas, que se tornam insuportáveis.

Estamos alojados junto de alguns franceses, perto do que é chamado de Posto Médico, mas, a meu ver, é apenas mais uma abertura na terra, tal como tudo o que existe aqui. Muitos homens acabam ali, com causas que variam desde ossos partidos a balas prisioneiras no seu corpo, e até gases tóxicos, que os corroem por dentro a partir do momento em que são inalados. Mas estes soldados não sofrem apenas fisicamente, muitos também sofrem de problemas mentais. Não se conseguem manter sãos, com tanta sujidade, dormitórios imundos, corpos de compatriotas mortos deixados a apodrecer no solo, água raramente limpa, entre muitos outros fatores, quase indiscrimináveis.

Ao nosso lado estiveram, durante um tempo, alguns homens que, de pá na mão, escavaram, para norte, mais túneis nas trincheiras, em plena batalha. Alongaram-na devido à necessidade de espaço, sendo que estavam para chegar reforços franceses há duas semanas, apesar de só terem vindo uma semana depois.

Confesso que o acontecimento que mais me surpreendeu foi no dia de Natal. Não se ouvia nada. Todos estávamos silenciosos, e, tal como alguns outros, estava deveras confuso com a situação. Momentos depois, alguns soldados começam a sair da trincheira, que nos oferecia uma proteção sagrada da morte, e caminhavam pela Terra de Ninguém, como se tivessem desistido de viver. Rapidamente percebemos o que estava a acontecer: no dia de Natal, os soldados de ambos os lados cessam fogo e juntam-se. Ficámos boquiabertos, sem saber o que fazer, mas também o fizemos. Foi um momento que nunca esqueceremos, mas muitos de nós poderão não voltar para contar tudo isto às suas famílias.

Há um tempo que existem rumores de que a guerra está para terminar, com a Alemanha a recuar e a perder terras, mas também dizem que vão executar um grande ataque nos próximos tempos. Espero vivamente que este grande conflito acabe, já que não apreciaria permanecer aqui por mais tempo.

Confio que a vossa vida seja calma, dentro do possível. Tentarei contactar-vos o mais cedo possível, contudo, não posso predizer uma data. Peço-lhe que trate da Joana, e que a assista com o que necessitar. Desejo-vos sorte.

Beijos do seu filho

Afonso



Flandres, 8 de Janeiro de 1918

Sou um dos pouco afortunados soldados que constituem a 1ª Brigada do Corpo Expedicionário Português e vim para a guerra a 30 de Janeiro de 1917. Foi o General Norton de Matos, Ministro da Guerra entre 1915 e 1917, com a colaboração do General Tamagnini, o responsável pela organização do Corpo Expedicionário Português, no centro de instrução de Tancos (o chamado milagre de Tancos) que tão depressa e bem nos transformaram em soldados aptos e capazes para um conflito duro. Homens que, pouco tempo antes, tinham uma vida civil, pacata e tranquila.

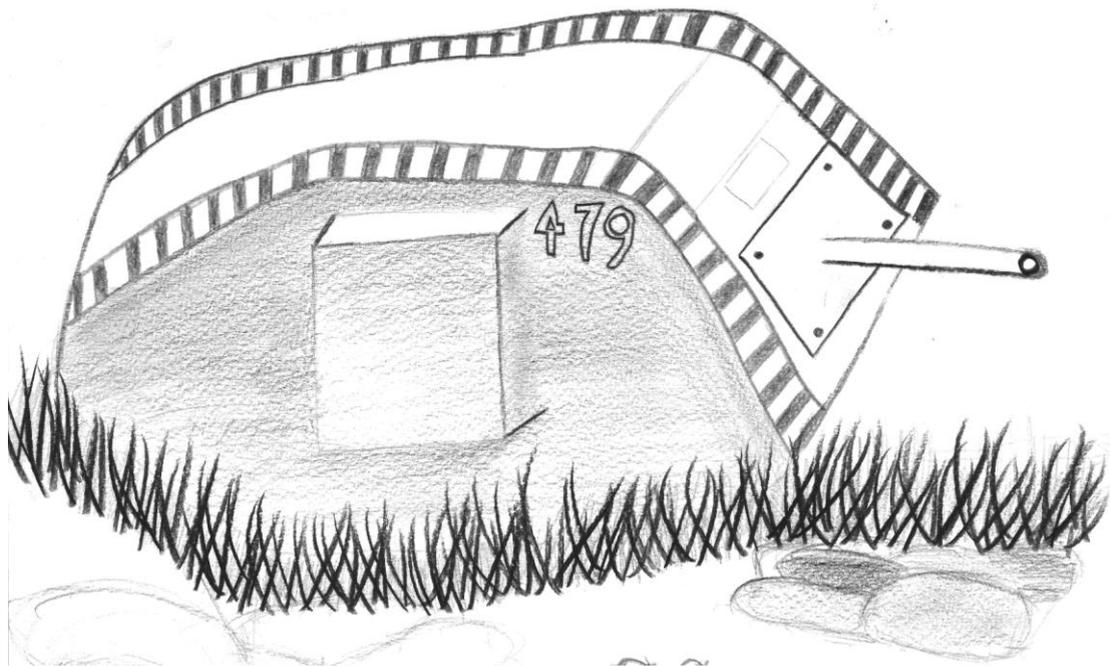
Foi aqui que passei o último ano da minha vida. Foi aqui que fiz alguns amigos mas também foi aqui que vi muitos deles morrer. Foi aqui que senti a falta dos que amo durante cada segundo dos dias seguidos que aqui passei sem dormir nem descansar. Foi aqui que vi destruírem o meu continente (que por acaso também é deles) e que vi o meu país a ser derrotado, pelo menos até aos Estados Unidos da América entrarem neste conflito.

Vi-me obrigado a deixar a minha família para trás assim que me trouxeram para cá. A minha mulher estava grávida de cinco meses quando a abandonei. Tínhamos casado há cerca de oito meses, foi uma festa simples mas encantadora ao mesmo tempo. Eles são a razão pela qual eu me tenho mantido vivo durante todo este tempo, e conto os dias para os poder abraçar.

A vida nas trincheiras é deplorável. Vivemos sobre uma densa nuvem de gases tóxicos e de estrondos causados pelos projéteis e pelas granadas. Neste momento, no espaço de quatro dias, dormi apenas algumas horas e não me lembro da última vez que comi uma refeição minimamente nutritiva. Esta Guerra é simplesmente inútil, pelo menos aos meus olhos. Meses e meses a fio sem avanços nem recuos de qualquer uma das frentes de batalha.

Fomos informados de que, recentemente, o governo do nosso país foi entregue a Sidónio Pais. Figura esta que, sendo contra a participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, se recusa a substituir os soldados. Reina, por isso, a inoperância e a incompetência dos generais lusitanos face às tropas portuguesas, cada vez mais desmoralizadas. Os soldados são abandonados, entregues às tropas inglesas e feitos seus escravos depois de trocados pelo poder político em terreno português.

O que parecia uma simples desavença entre dois países tornou-se num conflito a nível mundial e acabou por tomar proporções nunca esperadas. Quando tudo isto começou, reinava um clima de otimismo e esperança de ambos os lados, mas é neste estado que nos encontramos neste momento. A única coisa que me resta é o amor que tenho pela minha família e a minha fé.





França, 17 Janeiro 1918

Amigo Rodrigo

Como tens passado?

Resolvi escrever-te esta carta porque precisava de uma força para renovar a minha esperança, mas também porque sinto muito a tua falta.

Espero que esta carta chegue até ti e te encontre melhor da perna que sacrificaste para te tirar deste ambiente mórbido e pestilento.

Quero que saibas que não te julgo por te teres mutilado dessa forma, pois, por vezes, até penso em fazer algo parecido para sair deste pesadelo, mas se descobrem tal ideia sou capaz de ser condenado a tapar os buracos dos nossos dejetos até ao fim, se é que tem fim...

Está muito frio e não pára de chover. As trincheiras estão cheias de lama, sangue e ratos e as doenças propagam-se rapidamente. Continuam a morrer diariamente camaradas e amigos nossos, devido aos gases tóxicos e aos estilhaços das bombas. Até inventaram uma espécie de máscaras que são embebidas em urina para nos proteger dos gases. O cheiro de corpos mortos está por todo o lado. É insuportável!

No outro dia apareceram os piolhos que, com a comichão que nos dão, não nos deixam disparar corretamente, nem dormir o pouco que nos era permitido.

Peço-te para não contares nada aos meus pais, pois não quero preocupá-los. Se eles perguntarem, diz-lhes que não percam a fé e que eu tenho muitas saudades.

Agora tenho de me despedir pois estão a chamar-me de volta para o meu posto.

Um abraço grande e caloroso,

O teu amigo,

Salvador Morgado

Querida Mãe,

Estou a escrever de uma trincheira. Estamos em repouso porque o grupo de artilharia está a atuar. Quando acabarem, o grupo de infantaria vai avançar para a terra de ninguém, que é muito difícil de atravessar devido ao arame farpado e ao terreno lamacento, onde morreram milhares de soldados.

A guerra é horrível, as trincheiras estão lamacentas e cheias de ratos. A comida é pouca e a que há é muito desidratada e mal chega para todos.

Como os ataques de infantaria não resultaram, chegaram novos materiais de combate como os aviões para espiar as zonas onde o inimigo guarda o seu armamento de guerra, os tanques de guerra e máquinas de artilharia pesada.

Como se não bastassem os problemas que já temos, fomos invadidos por uma praga de piolhos. Por aqui lutamos contra bombas, armas que disparam milhares de balas por minutos chamadas metralhadoras e gases venenosos que matam milhares de soldados. Há um gás que permanece durante dias no local. Inventaram uma espécie de máscaras para o gás feitas de algodão que são embebidas em urina para filtrar melhor.

E o pior nem é isso... No outro dia morreu o meu maior apoio, o meu companheiro, o meu melhor amigo. Fizemos uma promessa de que iríamos tomar conta um do outro e que não deixaríamos que nada de mal acontecesse a nenhum de nós. Mas eu não consegui manter essa promessa. Há três dias atrás, o nosso capitão mandou-nos para a terra de ninguém, após um bombardeamento. Eu não achei que fosse o mais correto, pois depois de um ataque deveríamos aguardar. Mas o nosso capitão insistiu e assim foi. Mal chegámos, os alemães saíram dos seus abrigos debaixo da terra e atiraram para o meio da infantaria. O medo apoderava-se do meu corpo, as minhas pernas não mexiam com tanto pânico que sentia, o meu coração batia mais acelerado do que alguma vez bateu e suava por todos os lados. Eu achava que seria a última vez que iria ver a luz do dia. Um grito interrompeu os meus pensamentos. Quando olhei para o lado, vi o meu amigo John deitado no chão a sangrar. Não sabia o que lhe haveria de dizer. Eu sabia que iria ser o meu último momento com ele, mas as palavras não saíam. Abracei-o com todas as minhas forças e disse "Nunca serás esquecido irmão". E assim foi. Morreu nos meus braços, e com ele foi a minha vontade de continuar.

A minha força agora reside em ti, mãe. És tu que me dás a vontade de continuar, para no fim de isto tudo, poder voltar para casa, para os teus braços e poder dizer que te amo. Esta guerra está a mudar-me muito. Faz-me ver as coisas de outra forma e dou-lhes muito mais valor.

Peço-te que esperes com paciência pela minha chegada, pois vou fazer o mesmo. Volto a escrever quando tiver oportunidade.

Beijos,

Mark



30 de Abril de 1918

Algures em França,

Terminou ontem uma das batalhas mais mortíferas, até agora. Descobri hoje pelos meus camaradas que se chamou batalha de La Lys.

Quase ainda nem consigo abrir os olhos com medo de enfrentar e de rever as imagens dos últimos 20 dias... foi atroz... um enorme banho de sangue e o meu amigo, o meu camarada Zé António, perdeu a vida no dia 17. Pela primeira vez nesta guerra senti-me sem forças para prosseguir.

Era suposto sermos rendidos no dia 8, no dia anterior ao começo deste enorme prélio, que deitou por terra, provavelmente, mais de 500 homens valentes da nossa nação.

Acordo todas as noites debaixo de fogo a chorar incessantemente com os nervos à flor da pele, soluçando como uma criança, sonhando com os homens derramados por estes campos ensanguentados. A guerra está a deteriorar o meu foro psicológico, estou sem moral, sinto-me morto mesmo estando vivo.

Não gosto do que vejo, fico arrepiado com as explosões de granadas que rompem as trincheiras e os céus, porém todas as pátrias têm sido solidárias e a entreatajuda reina nos escassos tempos de paz! É bom ver campas dos nossos homens em dialetos estrangeiros, acima de tudo a humildade ainda não desvaneceu, porque nós todos sofremos por igual e os sentimentos de medo e trauma por todos são partilhados.

Até um dia...

Flandres, 1 de maio de 1918

Minha boa Idalina,

Esta guerra é pior do que imaginava. Apesar de ter começado a minha jornada com bastante ânimo, este foi há muito esmagado pela perda total de esperança e a falta de solidariedade. Tudo começou quando chegámos à Frente Ocidental: as nossas tropas adaptaram-se rapidamente à guerra de trincheiras, mostrando grande eficiência e espírito combativo. No entanto, as condições foram piorando ao longo dos tempos, sobretudo devido à falta de reforços que impediam a substituição e descanso das tropas. Estávamos há bastantes dias sem comida suficiente e tínhamos de estar alerta 24 horas por dia todos os dias, sem substituição de soldados! Todos os dias tínhamos de lutar como tigres para sobreviver, mesmo que isso resultasse na morte de alguém. O inverno é gelado e húmido sobressaindo o cheiro a morte e a podridão deste maldito sítio. Lutamos ao lado de defuntos e ratos que tornam o ar fétido e irrespirável. Há ataques constantes e bombardeios. Tanta gente a quem me fui afeiçoando que está morta devido aos ataques. O estrondo arrepiante dos projéteis, as granadas explosivas, tudo é demasiado para os soldados cansados. Até gás tóxico eles têm para nos matar. As condições foram-se agravando a tal ponto que o Comando do 1º Exército Britânico decidiu a rendição das tropas portuguesas por tropas britânicas, com o objetivo de permitir o descanso das nossas. É justamente no dia previsto para a rendição do nosso CEP (Corpo Expedicionário Português) que se dá a ofensiva alemã e a Batalha do Lys, apanhando as nossas forças portuguesas numa posição completamente desfavorável. Nós, que estávamos famintos, desmotivados e muito mal preparados, acabámos por sofrer uma derrota estrondosa na Batalha de La Lys, em 9 de Abril de 1918, logo após a derrota do Exército Britânico em Arras. Muitos dos meus colegas foram feitos prisioneiros pelos alemães. Já não sei se foi uma dádiva não ter sido feito prisioneiro, pois como a vida é agora, não sei o que preferiria. Já não sou o mesmo. Vejo pessoas morrerem, suplicarem a Deus, chorarem e enlouquecerem à minha volta. No entanto, não sinto compaixão perante elas. A Guerra mudou-me e tirou-me tudo o que eu tinha na vida para me orgulhar. Peço que rezes por mim e por todos os combatentes e para a guerra acabar. Se morrer, morrerei com todo o teu amor no meu coração.

Do teu querido António



França, 14 de setembro de 1918

Querida mãe,

Espero que esteja tudo bem aí em casa. Não imaginas as saudades que eu tenho e a quantidade de vezes que penso em todos vós.

Estamos algures no mapa, numa realidade paralela, onde o amor e a felicidade não predominam, mas sim o ódio e o sofrimento.

Esta igualdade de forças, esta falta de avanço é por momentos assustadora. Todos os dias temos a esperança de adormecer em paz e acordar em casa e depois apercebemo-nos que estamos presos aqui. Agora, esta é a nossa cruel realidade.

As granadas, os gases, os aviões, agora são a nossa família, é aquilo que nos defende e nos dá esperança, aquilo que nos protege nestes tempos infernais. E, no final do dia, todos nos questionamos. Mas afinal, tudo isto, todas as mortes, o sofrimento, a escuridão, todo o sangue, valerá a pena? Esta guerra, terá fim? Haverá necessidade?

As trincheiras....um horror, um espaço sufocante, um espaço de morte, doença, sobrevivência, um espaço que destrói toda a esperança de regressar, as noites são longas e os dias monótonos.

No fundo, todos nós somos uns pobres coitados, o nosso exército como o dos adversários. Todos os dias olhamos para diferentes caras, mas têm sempre uma coisa em comum, uma coisa que nos faz todos iguais, o olhar cansado, triste, saudososo que nos perfura a alma.

No entanto, no meio de toda esta escuridão, sempre terei a esperança de vos voltar a ver.

Espero que esta carta vos seja entregue e que possa voltar a casa o quanto antes.

Tenho muitas saudades vossas.

Um beijo,

Do filho que vos ama,

Carlos António.

7 de setembro de 1918

Ainda era pequena mas já compreendia as coisas, quando, numa quinta-feira, anunciaram aquela notícia aterradora. Ouvei, mas sem ouvir, como se não quisesse que fosse verdade, mas era e não havia nada a fazer. Todos os boatos que tínhamos ouvido e comentado sobre uma suposta "enorme guerra" eram verdadeiros e, agora, também nós fazíamos parte dela.

Corri com o coração nas mãos para casa dele e quando finalmente lá cheguei vi-o a sair de uniforme. Abracei-o de lágrimas na cara sem dizer uma palavra, ele retribuiu-me o gesto mas não partilhava a tristeza, para ele isto era uma oportunidade de se afirmar como um "homem" perante a nossa família. Logo que o larguei senti um vazio por dentro, um arrependimento de não ter ido com ele, ainda corri mas não o consegui alcançar. Senti uma mão calorosa e consoladora no ombro, era a minha futura cunhada, também ela tinha os olhos vermelhos das lágrimas amargas resultantes desta situação, pedi-lhe então que voltasse comigo para a casa dos meus pais onde sempre fora bem-vinda.

O tempo foi passando, não havia cartas, nem notícias, nem sorrisos, só a tristeza habitava em todas as partes. Na minha cabeça nada daquilo fazia sentido, na escola tinham-nos dito que quem ia para a batalha ia com o pretexto de defender as nossas colónias, responder ao pedido da nossa aliada Inglaterra, e outras coisas, mas que o mais importante era, de facto, a sua coragem e honra. Coragem e honra, estas duas palavras que me acertaram como balas. Será que elas eram assim realmente tão importantes para criarem um sentimento de ódio entre os habitantes deste mundo? Será que eram mesmo necessárias todas estas mortes para se chegar a um consenso? Ou será que mais uma vez, estas palavras eram apenas uma máscara para um grande defeito dos homens? O orgulho. Já tinha ouvido falar de orgulho, mas estes foram os tempos em que compreendi melhor o seu significado.

Um ano e 3 dias, todos em minha casa mantinham a esperança. Todos menos eu, que já tinha assentido que não havia maneira de o meu irmão voltar a casa são e salvo. Chegou, então, a esperada carta. Abri-a, pois temi que os restantes não estivessem preparados, li-a e esperei, esperei tal como quando tinha ouvido a notícia e não queria acreditar, mas era

verdade e tal como daquela vez não havia nada a fazer. Julgava-me preparada mas não, apenas queria acreditar numa coisa que me fizesse sorrir mais quando ele voltasse, me olhasse nos olhos e me abraçasse, coisa que não iria acontecer nunca mais, pois 4 meses antes, na prevista data em que o seu casamento estava marcado, ele morreu.

Teresa Castel-Branco

Queridos Pais,

O inimigo está cada vez mais próximo. Ao nascer do sol, vamos reforçar as barreiras finais. Contam-se histórias da situação em que estiveram soldados, homens de honra, destemidos, que frente a frente com o inimigo, na Terra de Ninguém, enlouqueceram com toda a tragédia e morte que testemunharam. Poucos chegavam às valas inimigas, e mesmo esses não voltarão a ser os mesmos. Não há espaço para desistentes nem erros, e a única companhia que se encontra são os ratos. É imensamente difícil manter um bom espírito, todos os homens rezam silenciosamente pelos entes queridos que deixaram para trás ou pelos que se perderam entre as balas. Mas, todos lutamos por quem amamos, pela pátria, pela nação. Recuso que o desânimo me consuma, luto por quem amo, para que um dia vos possa rever. Dou-vos a minha palavra que este meu desejo se irá realizar.

Até que os sinos voltem a tocar,

António

França, 09 de Agosto de 1918

Cara família e caros amigos,

Escrevo-vos por intermédio de um companheiro de trincheira que tem a segunda classe, para que sabeis que estou vivo e apenas com um ferimento na coxa, que arranjei ao embater contra um arame farpado, após escorregar na lama destes pobres terrenos franceses.

Sinto frio. Sinto o frio que vem da cabeça, quando nos comandam de forma covarde! Oiço, vejo, mas há um ano que não sei o que é silêncio ou escuridão. As bombas inimigas, com luminosidades incandescentes momentâneas, fazem-me sentir aí, no arraial de Sta. Bárbara. Mas aqui, mais parece uma gaiola para grilos; e os sentimentos, esses não os específico, pois esta carta não passaria na revisão e não chegaria até vós. Se chegou...

Os sentimentos são iguais aos dos inimigos. Move-nos a cor da bandeira e a saudade da pátria. Este «não querer», mas «ter de»; a angústia de «ter de»; a solidariedade de, quando se «tem de». Todos temos esperança de que isto acabe rápido.

Sentimentalmente, sentimo-nos unidos – já que ninguém compreende a necessidade desta guerra cruel; mas só sentimentalmente, porque quando nos mandam avançar e abalar daquela trincheira, para o meio daquele inferno... matamos, para não acabarmos nós... - só nesse momento nos mandam pensar na família. Pergunto-me bastantes vezes: “Que valores estarão à frente de tanta matança?”.

Temos de passar o lápis ao Calucas...

Cumprimentos

Jerónimo Narciso

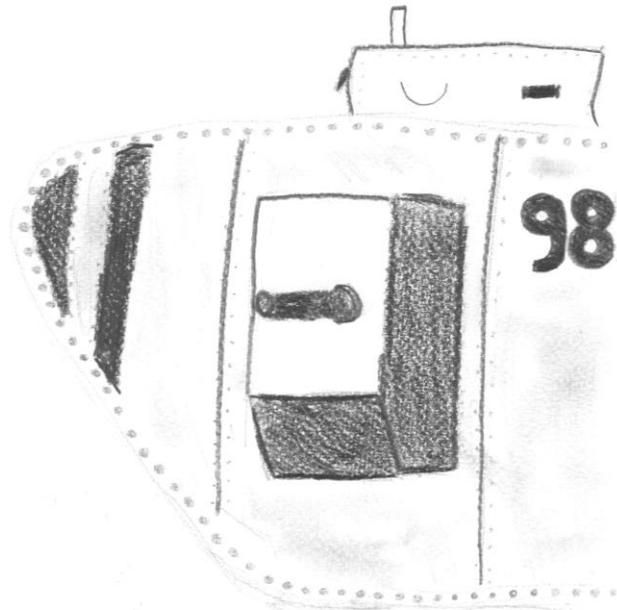
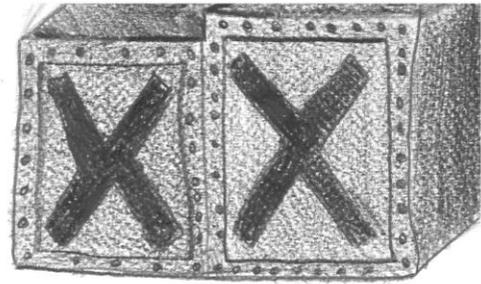
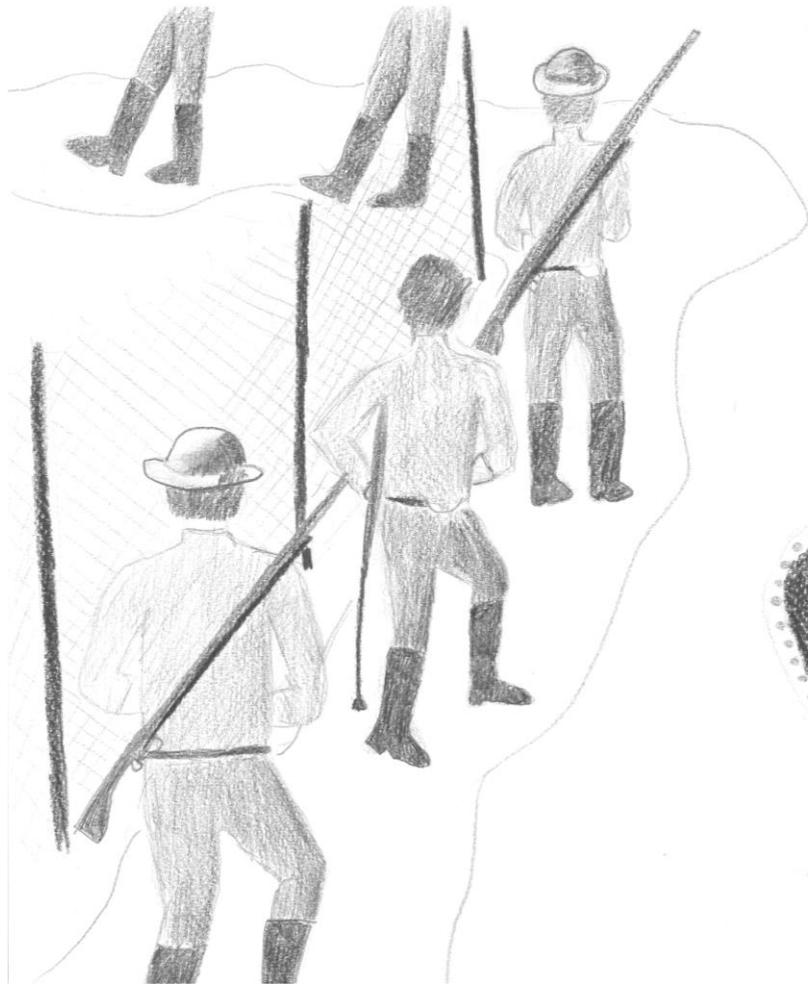
3 de junho de 1919

Eu não estava preparada, mas sabia o que viria a acontecer. A imprensa já nos tinha avisado. Agora as canções que cantávamos na aldeia eram sobre as guerras sangrentas da história. Na escola, os pequenos eram preparados para o que viria. Era sobre o que todos falavam, havia uma grande hipótese de guerra.

Em Portugal eram tempos de república e, sendo eu uma pessoa informada, sabia o que se estava a passar. A Itália, a Alemanha e o Império Austro-Húngaro formaram a tríplice Aliance. Para se proteger, a França aliou-se à Rússia e à Inglaterra, chamados Triple Entente. Embora estivéssemos em paz qualquer provocação poderia iniciar o que todos temíamos. Ambas as alianças tinham recorrido ao armamento e em 1914 quando o herdeiro do trono austríaco foi assassinado na Bósnia, não tardou até a maioria da Europa estar em guerra...

O meu marido já tinha ido para França ajudar. Tenho muito medo que o Pedro tenha que ir para lá, só espero que a guerra não demore muitos anos... O Fernando escrevia sempre que podia. Contava as coisas por lá: a Alemanha tinha tentado chegar a Paris mas não conseguiu, em vez disso a França deteve o avanço alemão. Aquilo era muito duro, quando chovia, as trincheiras transformavam-se em rios de lama, eram sobrevoados pelos inimigos que libertavam gás asfixiante. Estava grata por ele ainda continuar neste mundo.

Outra coisa que me assustou foram as batalhas: Verdun (causou 700 mil mortos) e Somme (mais de 1 milhão e 200 mil mortos!). Em 1918 acabou a guerra e o Fernando voltou para casa são e salvo. Foi o melhor momento da minha vida!



17 de janeiro de 1920

Tinha 19 anos quando a minha vida se alterou. Tinha 19 anos quando a paz foi quebrada. Tinha 19 anos quando milhares de pessoas morreram inocentemente. Tinha 19 anos quando a Grande Guerra começou.

Eu era um rapaz jovem que vivia na ignorância. Acreditava que vivíamos todos em comunhão, tinha falsas esperanças. Pensava que podia mudar o mundo, pensava que todos éramos iguais.

Tudo mudou quando ouvi o sussurrar da temida sineta. A Guerra tinha começado. Por todo o lado havia comandantes que reuniam os seus exércitos. Impuseram-me, como a todos os outros soldados, a vontade de lutar pela pátria francesa. Foi orgulhoso por ir defender a Nação que parti para a Guerra, desconhecendo o sofrimento pelo qual iria passar. Ainda me lembro da minha ingenuidade, nunca mais me senti assim.

Foi em 1914 que o meu batalhão viajou para o Norte de França, emproado por ir combater pelo símbolo da independência francesa. Chegámos ao Marne e as nossas ilusões rapidamente se desvaneceram. As tropas alemãs tentavam conquistar o nosso território e instalara-se um ambiente de impasse. Escavaram-se as trincheiras e com elas a dor e a tortura.

Vivíamos como toupeiras, prisioneiros de um mundo subterrâneo. Todos os dias eram um completo martírio. O meu corpo estava inundado de pulgas. Os piolhos apoderavam-se do meu crânio. Já não tínhamos vontade de viver, éramos mortos-vivos prisioneiros das profundezas.

A 22 de junho de 1916 a frente alemã lançou gás fosgénio para as trincheiras francesas. Vidas inocentes foram abruptamente levadas pela substância tóxica. As nossas tropas tinham de reagir a este atentado.

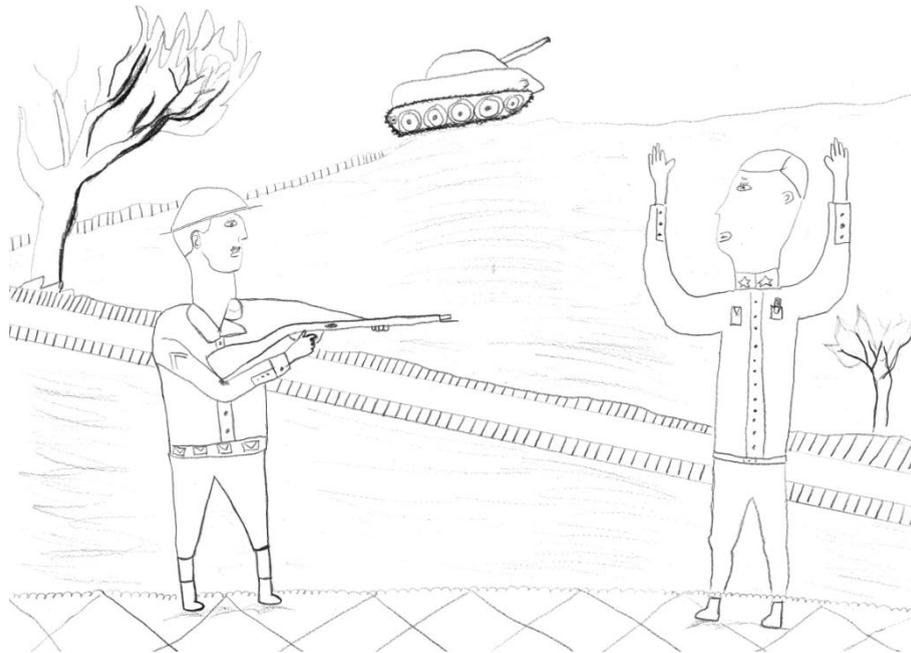
Assim, na contraofensiva francesa, o nosso comandante lembrou-nos que tínhamos de avançar com bravura e não recear a morte. Sem qualquer outra opção, pus os trajes bélicos. Fui rapidamente buscar a minha metralhadora lewis e guardei a granada de mão. Temendo o futuro, avancei receosamente para a terra de ninguém.

Não conseguia andar, todo o meu corpo fraquejava e a minha alma estremecia. As granadas rebentavam ao meu redor e os tiros ensurdeciam-me. A terra tornava-se vermelha e eu corria desesperadamente sobre cadáveres, ansiava o fim

daquele massacre. Sangue puro e inocente era derramado. As cidades ficaram desertas, não havia alegria. Tudo estava banhado de tristeza.

Irei sempre lembrar-me desse dia em que muitas mulheres perderam os seus maridos, em que muitas crianças perderam os seus pais. Mudou-me. Tornou-me consciente da crueldade humana.

Os ruídos estrondosos, o enorme sofrimento e as inúmeras perdas de vidas nunca me vão abandonar. Nunca me esquecerei da Guerra.



27 de outubro de 1922

Ainda me lembro quando o meu pai se foi embora. A minha mãe e a minha irmã mais velha (que tinha 17 anos) não conseguiam parar de chorar, as gémeas (4 anos) eram demasiado novas para perceber o que se passava e eu estava a tentar mostrar ao meu pai que ia ser forte, embora quisesse chorar como a minha mãe... Lembro-me da minha mãe abraçar o meu pai a tremer de tanto chorar e o meu pai, com lágrimas no canto do olho, a sussurrar coisas no ouvido da minha mãe, provavelmente a dizer que ia ficar tudo bem. Mas não ia. E até eu sabia disso. Lembro-me de, depois, ser a vez da Ana a despedir-se e acho que foi nesse momento que vi, pela primeira vez, uma lágrima a sair do olho dele. Lembro-me de muita coisa mas do que eu me lembro melhor foi quando chegou a minha vez de me despedir.

- Afonso anda cá. – Pediu o meu pai. – Já és bastante crescido para perceberes o que está a acontecer e o que se seguirá. Tu, sendo o meu único filho, tens de tomar conta desta família. Ajuda a tua mãe em tudo o que for preciso, não chateies a tua irmã e protege as gémeas dos perigos que possam haver. Enquanto eu estiver fora, vais ser tu que manda aqui, a seguir à tua mãe, claro. Tenho muito orgulho em ti e sei que não me vais desiludir. A esta altura já o meu pai chorava e eu não conseguia conter mais as lágrimas.

O que ele disse marcou-me de tal maneira que até hoje, tendo 22 anos, não me esqueci. A guerra já acabou há algum tempo e o meu pai nunca chegou a voltar para casa e todos sabemos o que é que isso significa. Ele pode ter partido, mas nunca será esquecido. Nunca.

Índice de textos

Bernardo Alves.....	8
Francisca Lopes.....	9
Francisco Alves.....	10
Gonçalo Castela.....	11
Catarina Gameiro.....	13
Margarida Almeida.....	14
Teresa Duarte.....	16
António Neves.....	20
Maria Seródio.....	21
Marta Anahory.....	22
António Malheiro.....	23
Diana Sanchez.....	26
Beatriz Bernardo.....	27
Madalena Pimentel.....	28
João Toupa.....	30
Teresa Soromenho.....	31
Francisco Machado.....	32
Teresa Ferreira.....	33
Carlota Silvano.....	34
Gonçalo Lopes.....	35
Diogo Montalvão.....	36
Catarina Paiva.....	37
Mafalda Martinho.....	38

Mariana Franco	40
João Maria Magalhães	41
André Henriques	42
Miguel Cunha	43
João Sá Pinto	44
Guilherme Barroca	45
Manuel Sousa	46
Miguel Nabais	48
Constança Gomes	49
Raquel Novo	50
Afonso Mota	51
Beatriz Cunha	53
Catarina Morgado	56
Marta Inocência	57
Margarida Rodrigues	59
Joana Reis	60
Mariana Martins	62
Inês Ventura	63
Teresa Castel-Branco	64
Manuel Garção	65
Sara Tribuna	66
Carolina Gomes	68
Carolina Caldeira	70

Índice de imagens

Mariana Franco.....	capa
Marta Inocêncio.....	12, 24, 55
Carolina Gomes.....	15
Sara Tribuna.....	19
Joana Reis	20, 52
Mafalda Martinho.....	25
Catarina Gameiro.....	29
Marta Anahory.....	33,41
Beatriz Cardoso e Cunha.....	39
Guilherme Castelo Branco	44
Teresa Castel-Branco	47
Teresa Soromenho.....	54
Carolina Caldeira.....	58
Miguel Shu	61
Inês Ventura.....	67
Manuel Sousa	69

FICHA TÉCNICA

Seleção e revisão de textos:

Benedita Sarmento, Graça Luís, Maria da Luz Fernandes (História)
Paula Gonçalves, Carla Almeida (Português)

Seleção e orientação do trabalho de ilustração:

Luís Dias Ferreira

Capa:

Luís Dias Ferreira, Sofia Caranova

Revisão:

Benedita Sarmento, Graça Luís

Montagem e composição:

José Rainho, Benedita Sarmento



Uma publicação Colégio Valsassina